UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE

INSTITUTO DE NUTRIÇÃO JOSUÉ DE CASTRO

CONSUMO ALIMENTAR DE JOVENS ESTUDANTES: ANÁLISE DOS SIGNIFICADOS DE LANCHES NA ESCOLA

Juliana Milczanowski Fernandes

Rio de Janeiro

2018

CONSUMO ALIMENTAR DE JOVENS ESTUDANTES: ANÁLISE DOS SIGNIFICADOS DE LANCHES NA ESCOLA

Juliana Milczanowski Fernandes

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Nutrição (PPGN), do Instituto de Nutrição Josué de Castro da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de **mestre em Nutrição Humana**.

Orientadora: Dra Maria Cláudia da Veiga Soares Carvalho.

Coorientadora: Dra Daniela Menezes Neiva Barcellos.

Coorientadora: Natália Tavares Rios Ramiarina.

Rio de Janeiro

2018

FICHA CATALOGRÁFICA

Fernandes, Juliana Milczanowski.

Consumo alimentar de jovens estudantes: Análise dos significados de lanches na escola/ Juliana Milczanowski Fernandes. - Rio de Janeiro: UFRJ / Instituto de Nutrição Josué de Castro, 2018.

98 f. : il. ; 31 cm.

Orientadores: Maria Cláudia da Veiga Soares Carvalho e Daniela Menezes Neiva Barcellos.

Dissertação (mestrado) – UFRJ, Instituto de Nutrição, Programa de Pós-graduação em Nutrição, 2018.

Referências bibliográficas: f. 95-98.

1. Educação Alimentar e Nutricional. 2. Alimentação Escolar – recursos humanos. 3. Instituições Acadêmicas – recursos humanos. 4. Ensino Fundamental e Médio. 5. Pesquisa Qualitativa. 6. Nutrição - Dissertação. I. Carvalho, Maria Cláudia da Veiga Soares. II. Barcellos, Daniela Menezes Neiva. III. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Nutrição Josué de Castro, Programa de Pós-graduação em Nutrição. IV. Título.

JULIANA MILCZANOWSKI FERNANDES

CONSUMO ALIMENTAR DE JOVENS ESTUDANTES: ANÁLISE DOS SIGNIFICADOS DE LANCHES NA ESCOLA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Nutrição (PPGN), do Instituto de Nutrição Josué de Castro da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requesitos necessários à obtenção do título de mestre em Nutrição Humana.

Aprovada em 23 de março de 2018.

_____
(Nome do orientador, sua titulação e Instituição a que pertence)

_____
(nome, titulação e instituição a que pertence)

_____
(nome, titulação e instituição a que pertence)

_____
(nome, titulação e instituição a que pertence)

CONSUMO ALIMENTAR DE JOVENS ESTUDANTES: ANÁLISE DOS SIGNIFICADOS DE LANCHES NA ESCOLA

Juliana Milczanowski Fernandes

DISSERTAÇÃO SUBMETIDA AO CORPO DOCENTE DO PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM NUTRIÇÃO DO INSTITUTO JOSUÉ DE CASTRO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO COMO PARTE DOS REQUESITOS NECESSÁRIOS PARA A OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE EM NUTRIÇÃO HUMANA.

Examinada por:

_____

Prof. Dra. Maria Cláudia da Veiga Soares Carvalho

_____

Prof. Dr. Fábio Francisco de Araujo

_____

Prof. Dra. Viviane Marinho da Costa

_____

Prof. Dra. Fabiana Bom Kraemer

RIO DE JANEIRO – BRASIL
23 de Março/2018

DEDICATÓRIA

Aos meus pais, Paulo e Marta, e irmãos, João Paulo e Leonardo, por todo incentivo e apoio nessa jornada. E a Deus, luz que me guia.

AGRADECIMENTOS

À minha amada família, meus maiores incentivadores. Obrigada por sempre acreditarem em meus sonhos.

Às amigas, Tamara, Thaís e Raisa, que acompanharam toda a minha caminhada, me incentivando durante o curso do mestrado.

À minha orientadora Maria Cláudia da Veiga Soares Carvalho, por me guiar durante todo este processo e incentivar minha curiosidade.

À minha também orientadora Daniela Menezes Neiva Barcellos, por todo carinho, atenção e auxílio durante os processos de análise.

À minha coorientadora e também professora de ciências do colégio CAp UFRJ Natália Tavares Rios Ramiarina, por acolhimento e grande auxílio em meu trabalho de campo.

A todos os professores do NECTAR, pelos incansáveis seminários, cada orientação e por auxiliar no meu processo de amadurecimento como pesquisadora.

As colegas do mestrado, Vanessa e Maria Irene, por compartilharem esta inserção na pesquisa qualitativa, e dividirem comigo os momentos de alegria e também tristeza do percurso.

Ao colégio CAp UFRJ, campo do estudo, por abrir as portas da Instituição permitindo a elaboração deste trabalho.

E a todos os alunos do CAp UFRJ participantes, sem os quais esta pesquisa não seria possível.

RESUMO

FERNANDES, Juliana Milczanowski. Consumo alimentar de jovens estudantes: análise dos significados de lanches na escola. 98f. Dissertação (Mestrado em Nutrição Humana). Instituto de Nutrição Josué de Castro, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

O consumo é um fenômeno presente em todas as sociedades em suas diversas formas. Estudos sobre o consumo alimentar se relacionam diretamente à ingestão de alimentos, entretanto a alimentação possui características sociais que levam a escolha por determinado alimento para além de suas características físicas. Cultura e ambiente também determinam nossas escolhas alimentares que por sua vez nos localizam em um universo plural. É na juventude que buscamos novas referências para além das familiares, e na escola passamos a maior parte dessa fase da vida, sendo um local de socialização importante. Neste espaço os jovens realizam refeições e também a partir delas se aproximam de grupos sociais específicos. Este trabalho teve como intuito analisar os significados do consumo alimentar de jovens, estudantes do Colégio de Aplicação da UFRJ, a partir dos lanches escolares. Pensamos o fenômeno consumo nos termos de Mary Douglas e Baron Isherwood (2013), como uma categoria analítica de inclusão ou exclusão a grupos específicos em uma sociedade. Nessa perspectiva teórico-conceitual, o consumo é uma renúncia e uma escolha relacionadas às possibilidades oferecidas no ambiente. O percurso metodológico desta pesquisa segue abordagem qualitativa e dividiu em quatro etapas. Na primeira foi realizado o levantamento e seleção de autores das Ciências Sociais e Humanas frente ao fenômeno consumo. Na segunda, o aprofundamento teórico conceitual e adaptação do conceito de consumo para análise. Na terceira etapa delimitamos e nos inserimos no cenário de pesquisa. Por fim, na quarta etapa, aplicamos as técnicas de observação participante em atividades escolares relacionadas ao Campo da Alimentação e Nutrição e a técnica de Grupo Focal com jovens estudantes do sétimo ano do ensino fundamental. Os dados obtidos foram analisados a partir da técnica de análise de conteúdo, onde partimos das três fases citadas por Bardin (2010) para legitimação científica do método, sendo elas: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados e interpretações, que se definem por: organização de todo material bruto coletado, criação de categorias de análise, e interpretação dos dados, respectivamente. O espaço social e do comer estudados delinearam o campo de pesquisa e posicionaram as falas dos alunos em três categorias. Em ‘comida de colégio’ analisamos questões de sociabilidade que orientam um comer específico marcado pela presença de duas cantinas, pública e privada, oferecendo alternativas. Observamos que o convívio social entre jovens remodela as escolhas de consumo

e o diferencia da comida de casa e de restaurantes ou arredores. Quanto ao ‘corpo e saúde’, se articulam na construção de uma aparência. O corpo e tudo o que ele porta é parte da expressão e da leitura entre os jovens estudantes. Mais do que o bem em si o modo de usá-lo, de consumi-lo, é um modo de atribuir distinção a si no grupo. Por fim, em ‘mídia’, foi notório que o consumo alimentar se ampara em canais e personagens da internet. A interação de conteúdos nos vídeos funciona como sala de relacionamento. Os personagens foram articulados a modos de ser, a comportamentos, a gostos valorizados e na moda. Como resultado, temos que o consumo alimentar não somente identifica as condições diversas dos jovens estudados, como também é fruto de elementos da sociedade em que vivem. Neste ponto, atentamos como este objeto de pesquisa mostra-se importante para estudos de grupos sociais e suas constantes remodelações no que concerne à alimentação.

LISTA DE ILUSTRAÕES

Figura 1: Fachada do colégio CAp UFRJ.

Figura 2: Muros no interior do colégio.

Figura 3: Aulas de apoio no período de contra turno.

Figura 4: Visitação na horta escolar.

Figura 5: Alameda frutífera.

Figura 6: Ação de plantio de árvores frutíferas.

Figura 7: Equipe em mutirão da horta.

Figura 8: Mudas doadas para ação de mutirão.

Figura 9: Encontro com alunos do oitavo ano do ensino fundamental.

Figura 10: Folheto de divulgação do evento Festa Crioula.

Figura 11: Cartaz do SIA-UFRJ e lanche distribuído na Festa Crioula.

Figura 12: Mesa de exposição de PANC.

Figura 13: Imagens utilizadas no GF.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Atividades realizadas em aula de apoio.

Tabela 2: Resumo de fases do Grupo Focal (GF).

Tabela 3: Identificação dos alunos participantes do Grupo Focal.

Tabela 4: Classificação de categorias de análise.

Tabela 5: Divisão de narrativas em categorias de análise.

LISTA DE SIGLAS

AC	Análise de Conteúdo
APACAp	Associação de Pais, Alunos e Amigos do CAp UFRJ
CAp UFRJ	Colégio de Aplicação da UFRJ
DALPE	Direção Adjunta de Licenciatura Pesquisa e Extensão
DHAA	Direito Humano à Alimentação Adequada
FNDE	Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação
GF	Grupo Focal
PANC	Plantas Alimentícias Não Convencionais
PNAE	Programa Nacional de Alimentação Escolar
RSO	Rede Social Online
SIA-UFRJ	Sistema de Alimentação da UFRJ
SAN	Segurança Alimentar e Nutricional
TA	Termo de Assentimento
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO---------- 15
1.1 OBJETIVOS---------- 20
1.1.1 Objetivo geral---------- 20
1.1.2 Objetivos específicos---------- 20
2 PERCURSO METODOLÓGICO---------- 21
2.1 REFERENCIAL TEÓRICO-CONCEITUAL---------- 23
2.1.1 Consumo numa perspectiva das ciências sociais---------- 23
2.1.2 Consumo alimentar de jovens no espaço da escola---------- 28
2.2 ESTRATÉGIA METODOLÓGICA---------- 32
2.2.1 Identificando o espaço escolar---------- 33
2.2.2 Identificando os espaços do comer---------- 36
2.3 OBSERVAÇÃO DIRETA E PARTICIPANTE---------- 38
2.3.1 Participação em reunião da DALPE---------- 39
2.3.2 Participação em aulas de apoio do núcleo de Biologia---------- 40
2.3.3 Participação em eventos escolares---------- 42
2.4 REALIZAÇÃO DE GRUPO FOCAL---------- 46
2.5 TRATAMENTO DE DADOS: ANÁLISE DE CONTEÚDO---------- 53
3 ASPECTOS ÉTICOS---------- 59
4 ANÁLISE DO CONSUMO ALIMENTAR DE JOVENS ESCOLARES---------- 60
4.1 COMIDA DE COLÉGIO---------- 60
4.2 CORPO E SAÚDE---------- 68
4.3 MÍDIA---------- 77
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS---------- 84
APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO----- 87
APÊNCICE B – TERMO DE ASSENTIMENTO---------- 90
APÊNDICE C – ROTEIRO SEMI-ESTRUTURADO GRUPO FOCAL---------- 93

REFERÊNCIAS---------- 95

1 INTRODUÇÃO

A alimentação pode ser compreendida como objeto complexo de pesquisa. O fenômeno não se restringe ao seu imperativo biológico, este pode contar ainda com fatores sociais (família, amigos, mídia, escola, trabalho, moda, *status*), culturais (cultura alimentar local, valor simbólico e afetivo do alimento), econômicos (preço dos alimentos, renda do consumidor), psicológicos (prazer, memória afetiva) e ambientais (produção de alimentos, uso dos recursos naturais, acesso físico aos alimentos) (BRASIL, 2015). Essas perspectivas reunidas revelam a complexidade na determinação do tipo de consumo alimentar da população.

No campo da alimentação e nutrição, consumo alimentar corresponde, predominantemente, à ingestão de alimentos e de suas partes constituintes, macro e micro nutrientes. Neste âmbito, há o emprego de diversas metodologias, dentre as quais, podemos destacar o questionário de frequência alimentar, o recordatório de 24 horas e o diário alimentar. Tais ferramentas são utilizadas para a identificação da ingestão de alimentos de um sujeito ou de uma população. E embora seus numerosos estudos apresentem grande relevância na prevenção de doenças crônicas não transmissíveis, no mapeamento alimentar de extratos populacionais, dentre outros, a correlação com outras perspectivas pode contribuir de modo reflexivo a se pensar no fenômeno, tendo em vista suas características multifacetadas (CAVALCANTE, 2004).

As dimensões simbólicas que envolvem o consumo alimentar são abordadas em investigações que fazem interface com as ciências humanas. Estudos do consumo nesta área apontam para os fatores sociais e culturais contidos no fenômeno. Na presente pesquisa, consideramos os significados que revestem os alimentos e "flutuam" nas práticas de consumo alimentar de jovens escolares, sustentadas na abordagem da antropóloga Mary Douglas e do economista Baron Isherwood (2013).

Na perspectiva destes autores o consumo seria algo constante em nossa sociedade, que sempre esteve presente e sujeito a transformações de uma geração a outra, de uma cultura a outra. A parceria de uma antropóloga com um economista busca compreender a partir do fenômeno questões subjetivas que não são bem elucidadas em abordagens econômicas neoclássicas (DOUGLAS; ISHERWOOD, 2013).

A complexidade do tema é ainda demarcada por estudos em diversas direções, algumas linhas de pensamentos seguem um enquadramento hedonista, visto sob a ótica do prazer individual; moralista, responsabilizado por diversas mazelas da sociedade em especial os problemas sociais; ou ainda o naturalista, no qual o consumo existe em razão da natureza, da biologia, ou de uma universalidade humana (ROCHA, 2013). Neste estudo, nos coube observar uma naturalização do comer como um fenômeno de *input* de nutrientes, quando damos sentido vital e biológico às necessidades nutricionais, e sem perceber apartamos a cultura em um mundo separado.

Numa abordagem cultural, alimentar-se vai além de uma questão fisiológica de necessidade de nutrientes, é também a partir do ato que reforçamos costumes e selamos relações com indivíduos e sociedade (CARVALHO, LUZ, PRADO, 2010). As maneiras com as quais nos alimentamos reproduzem símbolos que auxiliam na construção da nossa identidade cultural, e nesse sentido, o consumo é uma prática por meio da qual podemos nos orientar e distinguir (DOUGLAS; ISHERWOOD, 2013).

Mary Douglas e Baron Isherwood (2013) apontam para seu papel na cultura contemporânea como estruturador de sujeitos, como construtor de identidades, no reconhecimento do indivíduo em um determinado grupo de pessoas ou espaço social. Estes autores se debruçaram profundamente sobre o tema consumo em seu estudo sobre "O Mundo dos Bens". O fenômeno do consumo se torna algo cultural, social, criador de significados, de diferenças e semelhanças que orienta as escolhas alimentares. Conforme tal entendimento, o consumo existe como fenômeno típico da experiência sociocultural da sociedade contemporânea, logo, podendo representar um objeto legítimo em pesquisas no campo da Alimentação e Nutrição.

O significado cultural dos bens de consumo se reconstrói a todo o momento, flui naturalmente entre suas diversas localizações no mundo social, auxiliado pelos esforços coletivos e individuais de publicitários e consumidores. Em nosso convívio em sociedade, partilhamos destes códigos, verbais e não verbais, assim comungamos categorias de julgamento (certo/errado), bem como estabelecemos consensos sobre padrões de conduta transmitidos pelas instituições que facilitam a integração em um universo de símbolos

(SAHLINS, 2003). Este universo nos ‘ensina’ os significados das coisas sem termos sempre consciência, ou domínio sobre isso.

As instituições de socialização atuam sobre o processo de construção do indivíduo, sendo este estruturado também a partir das interações com os meios em que vive. Dentre elas, podemos destacar as categorizadas por Baccega (2010): família, escola e mídia. Devido à abrangência desta última, cabe a nós, delimitá-la como os meios de comunicação massivos dedicados, em geral, ao entretenimento, lazer e informação. Observamos como a partir delas socializam-se as ações humanas durante o percurso de vida. No que tange a alimentação, maneiras e costumes de alimentar-se, qual alimento comer, que horas comer, o que falar enquanto come, locais para comer, tabus sobre alimentação, rituais que envolvem alimentos, dentre outros, constituem formas de se alimentar dentro de uma sociedade, que podem alterar de uma sociedade para outra, ou ainda dentro da mesma sociedade (CARVALHO, 2013).

Por meio dessas agências circulam uma série de saberes, julgamentos, aceitações sobre a alimentação. Elas “ditam/refletem” os modos do comer, destinando valores aos alimentos, e assim interferindo em nossas escolhas alimentares.

Assim, os alimentos que comemos estão impregnados do que a gente atribui de significado a eles, a comida boa, a comida ruim, o saudável, o “junkfood”, dentre outros, assumindo significados diferentes de acordo com o contexto em que vivem. A construção de significados segue tendências, e os transforma, arrumam, ajeitam, e classificam as comidas nos organizando em sociedade. Percebe-se, inclusive, que os modos de comer aproximam os sujeitos, criam relações sociais (CARVALHO, 2013). Nas palavras da autora:

> “Atribuir sentidos e significados, legitimados ou legitimando-os na dimensão social, nas práticas de alimentação é uma forma de (re)produzir uma estrutura social que organiza nossas vidas, ainda que não tenhamos consciência disso. Nesse sentido, a bricolagem representa uma técnica, uma estratégia, um *modus operandi*, em direção a uma ordem, que tanto pode estar produzindo ou reproduzindo uma estrutura subjacente.” (CARVALHO, 2013, p.74).

Neste momento, cabe pontuar o público alvo desta pesquisa, jovens em idade escolar. Iniciantes na experiência de não serem mais criança, e que buscam a partir das novas relações

um sentimento de pertencimento a grupos sociais, que os identifica como sujeito (CERTEAU, 2011).

Nesta fase da vida são criadas novas relações com a sociedade, há no período jovial uma pressão para o amadurecimento, e ruptura com certa relação familiar. Fazer parte de um grupo, identificar-se com alguém, comer o que está na moda, são aspectos relevantes nessa análise considerando que esses jovens adolescentes estão se diferenciando de seus pais e precisam de novos amigos e novos exemplos de comportamento e de ideias (MATURANA, 2010).

Investimos em pensar os aspectos simbólicos de suas escolhas alimentares em um ambiente escolar. É neste local que os jovens desta pesquisa passam boa parte de seu dia, sendo este importante em seu processo de socialização (ROCHA; PEREIRA, 2009). A aproximação com o campo ocorreu a partir de introdução da pesquisadora por intermédio de projeto de pesquisa/extensão, e a captura de aspectos relevantes para as análises decorreu da aplicação das técnicas de observação direta participante e grupo focal com jovens selecionados.

O cenário deste estudo não é macro ou nacional, pois se restringe ao consumo alimentar no âmbito do Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (CAp UFRJ), que é uma escola pública diferenciada por ser um instituto pertencente a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), centro de referência em ensino e pesquisa do país (PRAZERES et al., 2014).

O CAp UFRJ possui algumas particularidades que o constitui como ambiente rico e diferenciado para observação do consumo alimentar destes estudantes. Como exemplo, podemos citar sua localização privilegiada, e a presença de duas cantinas, uma pública, gerida pelo sistema de alimentação da UFRJ, e outra particular, que comercializa lanches nos intervalos de aulas. Este fato abre espaço para alternativas mais amplas de opções de consumo de alimentos.

Em nosso campo de pesquisa, o lanche escolar representa um comer cotidiano, podendo ser ainda chamado de merenda e definido, devido suas características usuais, como uma refeição mais ligeira, geralmente intercalada por grandes refeições, como almoço e jantar. O

fato de o lanche ser uma refeição composta por um menor número de grupos alimentares, considerada uma refeição menor, porém não menos importante, carrega em si uma maior descontração quando comparada a grandes refeições. Entretanto, tal fato não retira da mesma os julgamentos criados e recriados acerca do tema alimentação.

Neste ponto, destacamos que ao nos aproximarmos das questões simbólicas que envolvem a alimentação de jovens no espaço escolar, contribuiremos para ampliação de estudos que partem de perspectivas multidisciplinares ao tema. Na prática, tendo em vista que o campo escolar é valorizado e priorizado em ações de Educação Alimentar e Nutricional (EAN), a reflexão sobre os arranjos locais pode favorecer a aplicação dessas atividades educativas, considerando que o diagnóstico local é parte fundamental do planejamento das ações (BRASIL, 2012).

Atentando para os múltiplos significados que circulam a alimentação desses jovens, e considerando o consumo como um processo participativo de suas relações e práticas sociais, partiremos do pressuposto de que investigar o significado do fenômeno, segundo Rocha (2006, p.15) "é abrir uma 'janela com vista panorâmica' para as dimensões essenciais do imaginário da cultura contemporânea" e que o estudo desses significados amplia o olhar sobre o que está em jogo na ordem cultural e é sistematicamente atualizado nas escolhas de consumo desses adolescentes.

1.1 OBJETIVOS

1.1.1 Objetivo geral

O objetivo deste estudo é analisar sentidos e significados do consumo alimentar de jovens no âmbito da escola de ensino fundamental e médio, em relação ao consumo de lanches escolares.

1.1.2 Objetivos específicos

Para alcançarmos o objetivo geral que esse estudo se propôs, necessitamos passar por alguns objetivos específicos. Esses, por sua vez, surgiram do aprofundamento do fenômeno investigado e operaram como etapas que direcionaram a pesquisa. São eles:

1. Dimensionar simbolicamente os elementos que compõem o ambiente escolar definido como local de construção de escolhas alimentares e campo de pesquisa;

2. Analisar sentidos e significados expressos no conteúdo de falas de adolescentes estudantes de um colégio de aplicação em torno do consumo alimentar de lanches na escola.

2 PERCURSO METODOLÓGICO

Neste momento, consideramos pertinente situar que o caminhar metodológico desta pesquisa segue um modelo, dentro de uma abordagem disciplinar do campo das Ciências Sociais. A escolha por uma perspectiva qualitativa se baseia na busca do entendimento da realidade que não pode ser quantificada, para além da dicotomia qualitativo/quantitativo, o interesse aqui é compreender os diversos significados que mobilizam os jovens frente a seu consumo alimentar (Minayo, 2001).

O aprofundamento no estudo sobre o consumo por bens da autora Mary Douglas será a base para construção de saberes acerca de o consumo alimentar no campo delimitado de jovens escolares. A abordagem exploratória deste estudo levou em conta a compreensão, a inteligibilidade deste fenômeno social e o significado que lhe atribuem os atores (MINAYO, ASSIS, & SOUZA, 2005) em suas relações uns com os outros e com o ambiente de cultura local.

Desta forma, o referencial teórico reorienta o olhar para o consumo como um fenômeno social do convívio entre jovens na escola. A configuração do cenário escolar pesquisado, assim como o espaço do comer local, delimitam o campo de estudo e situam a análise. Utilizamos como estratégia metodológica a articulação de pressupostos teóricos sobre o consumo nos termos de Mary Douglas com técnicas de pesquisa, análise de conteúdo de Grupo Focal e observação participante, de modo que a discussão dos resultados possa fluir e se apresentar de modo coerente e sistematizado quanto ao consumo alimentar, evitando a divisão de teoria e metodologia, apoiadas nos pressupostos de Bourdieu (1989). Segundo o autor:

> "A divisão teoria/metodologia constitui em oposição epistemológica uma oposição constitutiva da divisão social do trabalho científico num dado momento (como a oposição entre professores e investigadores de gabinetes de estudos). Penso que se deve recusar completamente esta divisão [...] é somente em função de um corpo de hipóteses derivado de um conjunto de pressuposições teóricas que um dado empírico qualquer pode funcionar como prova ou, como dizem os anglo-saxònicos, como *evidence*" (BOURDIEU, 1989, p.24).

Consideramos que a metodologia científica deste estudo incorpora técnicas metodológicas como uma forma de divisão do trabalho no campo. A escolha destas ocorreu mediante a construção de objeto de pesquisa que se apóia em pressupostos teóricos, desta forma, todas essas etapas fazem parte de um processo. Esse percurso é um caminho possível a se seguir, que auxiliou na reflexão e guiou nosso olhar sobre uma realidade (GOLDENBERG, 2004). Desta maneira, nesta pesquisa, o percurso metodológico se dividiu em quatro partes, intercaladas em uma ordem cronológica.

Na primeira etapa ocorreu levantamento de autores das ciências sociais que possam contribuir na interpretação social do fenômeno consumo. Para isto foi realizada busca manual de livros e revistas por meio de referências na literatura ou citadas nos artigos encontrados.

Em uma segunda etapa, nos debruçamos sobre a organização da metodologia considerando um conceito central para esta análise: o consumo. Partimos de uma perspectiva social do fenômeno, apontando para seu papel na cultura contemporânea como estruturador de papéis, organizador da vida, identificador social, um instrumento teórico que irá auxiliar na reflexão sobre a escolha alimentar dos jovens desta pesquisa. Assim as etapas seguem esse entendimento de consumo e se organizam em função desse pressuposto teórico, apresentado na seção a seguir.

Na terceira etapa, ocorreu a inserção da pesquisadora no local de pesquisa, Colégio de Aplicação da UFRJ – CApUFRJ – local de captura de agentes, jovens em idade escolar. A introdução foi mediada pela implementação de projeto de extensão/pesquisa intitulado "Alimentação e saúde na escola: uma proposta dialogada nos colégios de aplicação na cidade do Rio de Janeiro", submetida no edital de nº 24 CEG/CEPG 2016, de 29 de janeiro de 2016, programa institucional de bolsas de iniciação científica para o ensino médio 2016/2018.

Na quarta etapa, foi realizado o trabalho de campo, que inclui duas fases principais: observação direta e participante com a finalidade de busca de informações sobre o local acerca de um amplo leque de práticas e representações sociais, e elaboração de grupo focal (GF) com agentes do universo escolar, alunos do sétimo ano do ensino fundamental. Estas fases estarão interligadas e serão descritas a seguir.

2.1 REFERENCIAL TEÓRICO-CONCEITUAL

2.1.1 Consumo numa perspectiva das ciências sociais

O referencial teórico desta pesquisa se sustenta em uma perspectiva antropológica do fenômeno consumo. Por esta ótica, buscamos olhar as relações sociais e culturais associadas ao fenômeno e, para sua consolidação, a utilização de trabalhos sitiados na antropologia e sociologia do consumo foi imprescindível. Reflexões de autores que trabalham sob esta ótica serão expostas nesta seção e alguns de seus conceitos foram dialogados com a alimentação humana.

A complexidade do fenômeno consumo demanda que diversas áreas intelectuais invistam trabalhos ao tema. Antropologia, Psicologia, Sociologia, Economia e Marketing são algumas que podemos citar aqui. Esforços dos diversos campos somam-se na compreensão deste fenômeno fundamental da experiência contemporânea (ROCHA, 1995).

As perspectivas críticas auxiliam no desenvolvimento de debates sobre o tema. A abordagem tradicional do campo da economia é posta em análise pelos autores Douglas e Isherwood (2013). Segundo eles, o olhar para questões restritas à oferta, demanda e propriedades físicas dos bens sugere que o consumo seja algo externo aos sujeitos, ou seja, um fenômeno que os impulsiona a ações, levando a um afastamento e visão do ser fora do social. Estas abordagens não contemplariam questões sobre o gosto, o estilo de vida e reafirmação de identidades, por exemplo. Nas palavras dos autores:

> "O consumidor, ademais, é visto quase como um sujeito isolado; suas decisões não sofrem influência do meio social, estando submetidas unicamente à disponibilidade e ao preço dos produtos." (DOUGLAS; ISHERWOOD, 2013, p.56).

Uma abordagem econômica que explica este fenômeno complexo é a "teoria higiênica" ou "materialista", que dividira as necessidades humanas em necessidades reais, àquelas que nos ligariam ao mundo animal, como as necessidades biológicas básicas - como comer, beber, se abrigar - e àquelas relacionadas a necessidades supérfluas, ligadas ao consumo voltado aos bens e serviços ligados à arte ou espiritualidade, entre outros. (DOUGLAS; ISHERWOOD, 2013).

Contudo, se comer, beber e se abrigar são necessidades centrais da vida humana, estas ações não se realizam de forma genérica. Ninguém come comida: come sushi, hambúrguer ou arroz com feijão (BARBOSA; CAMPBELL, 2006). A atividade humana frente ao consumo acontece segundo os códigos culturais e neste ponto reside o aspecto social do fenômeno (BACCEGA, 2010). Contribuindo ao exposto, Douglas e Isherwood (2013) apontam que:

> "Os bens que servem às necessidades físicas – comida ou bebida – não são menos portadores de significado do que a dança ou a poesia." (p.118).

O olhar para uma perspectiva social do consumo se deu ao final do século XIX, quando ThorsteinVeblen, em 1899, buscando a aproximação do fenômeno ao sujeito socializado, publicou seu livro "A teoria da classe ociosa: um estudo econômico de instituições." Pioneiro na indicação de que o consumo não era um fenômeno menor, um simples reflexo da produção, Veblen deu atenção à dimensão cultural contida nele e em suas práticas. Na visão deste autor, o consumo deixa de representar somente a satisfação racional de necessidades básicas e orgânicas. Contudo, continua sendo visto sob um viés moralizante, que relaciona o mundo dos bens materiais à banalidade. O consumidor, sob esta perspectiva, teria seu consumo condicionado pelo desejo em imitar as classes com mais *status* (DOUGLAS; ISHERWOOD, 2013).

Considerado por alguns sociólogos como o criador do campo de estudos culturais sobre o consumo, Veblen, outros autores da época e das décadas que se sucederam, buscaram, a partir do fenômeno, compreender como se estabeleciam as relações entre as classes sociais naquele momento da sociedade. A esta altura, estudos da hierarquia social, voltados para a diferenciação de classes operárias e "classes altas", foram desenvolvidos (DESJEUX, 2011).

Adiante, no pós- 2ª guerra, período considerado como a "era do consumo de massa", estudos eram direcionados para as novas relações dos sujeitos com os bens. Com a expansão do setor terciário, aumento do tempo de lazer, e um consequente aumento do consumo por "bens de prazer", pesquisas voltadas para o consumo de automóveis e de eletrodomésticos, por exemplo, buscavam relacionar o fenômeno com a era das grandes transformações sociais, técnicas e comerciais. As reflexões sobre o consumo seguem então a evolução da sociedade. (DESJEUX, 2011).

Já no século XX, em meados de 1970, com a publicação do livro "O mundo dos bens" de autoria de Mary Douglas e Baron Isherwood, em um diálogo interdisciplinar entre a Antropologia e a Economia, os autores nos convidam a pensar o consumo como um elemento com função ritual nas relações sociais, um fenômeno que marca posições e papéis nas relações entre as pessoas. Com isso, decorre o subtítulo do livro, "Para uma antropologia do consumo", na medida em que a teoria do consumo poderia ser vista como uma teoria da cultura e da vida social, uma espécie de gramática que permitiria ler uma determinada cultura (FONTENELLE, 2004).

As investigações realizadas por Douglas e Isherwood (2013) chamam a atenção para as dimensões culturais e simbólicas do consumo. Segundo os autores ao interpretarmos o fenômeno pelo viés social, devemos destacar a multiplicidade de motivações e interesses que perpassam o ato de consumir, destacando ainda a diversidade dos ambientes sociais em uma cultura.

Sob esta perspectiva, o consumo alimentar, por exemplo, não seria orientado unicamente por seu imperativo biológico, ou ainda por recentes indicações de alimentos nutritivos, mas também nos termos simbólicos que ele assume na cultura local. Nossas escolhas alimentares traduziriam significados sociais, demonstrando algo sobre o indivíduo; seu grupo social, sua família, sua faixa etária, sua rede de relações de forma geral. Os bens de consumo, sob esta ótica, carregariam consigo mensagens, desta forma seriam capazes de comunicar algo que vai além de sua dimensão funcional, perpassa também sua dimensão expressiva, simbólica e cultural. (BARBOSA; CAMPBELL, 2006).

A discussão por este viés vai além da idéia do gosto, da imposição do mercado ou da idéia já bem concebida de que os bens são essenciais para a subsistência. Embora não possamos negar que sem alimento não há vida, temos na alimentação a convergência de natureza e cultura. Pois, se por um lado, comer é uma necessidade vital e íntima, por outro lado, o quê, quando, onde e com quem comer são aspectos que fazem parte de uma cultura local. Assim, como um fenômeno social, a alimentação não se restringe ao imperativo de sobrevivência, pois se os homens necessitam sobreviver (e, para isso, alimentar-se), eles sobrevivem de maneira particular, culturalmente marcada (MACIEL, 2002).

O consumo dos bens e seus significados nos conectam a uma cultura, e também a categorias culturais, como, por exemplo, a grupos sociais e etários (DOUGLAS; ISHERWOOD, 2013). Desta forma os bens e seus usos formam um sistema de classificação, onde, segundo Rocha (2005, p.136) "o consumo por um bem classifica não só o bem, mas também aquele que o consome.".

Essa classificação reside no compartilhamento de seus significados culturais. Douglas e Isherwood (2013), sob esta ótica, definem os bens como:

> "[...] comunicadores de valores sociais e categorias culturais, eles possuem significância que vai além de seu caráter utilitário e seu valor comercial, essa significância reside, em grande medida, na capacidade que possuem em carregar e comunicar significado cultural." (DOUGLAS; ISHERWOOD, 2013, p.103).

Essa comunicação pelos bens não se dá pelo bem em si, mas pelas relações que criam. O consumo físico de um bem, ainda segundo Douglas e Isherwood (2013 p.123) "[...] seria como a prova, assim como se prova uma comida, a fim de julgá-la. Mas a maior utilidade do consumo não seria esta prova, e sim o compartilhamento dos significados gerados a partir dela, que é obtido através das interações humanas." Ou seja, a prova só fará sentido se puder ser compartilhada, desta forma, os bens e seus nomes fazem parte de um sistema de informação, onde os indivíduos precisam estar presentes para pôr em circulação o juízo sobre a conformação das coisas.

> "O homem precisa de bens para comunicar-se com os outros e para entender o que se passa à sua volta. As duas necessidades são uma só, pois a comunicação só pode se construída em um sistema estruturado de significados" (DOUGLAS; ISHERWOOD, 2013, p.145).

Os significados são partilhados no contexto cultural, não são impostos, mas ficam estabelecidos inevitavelmente nas práticas de comunicação e consumo. Fischler (2010) evidencia a questão cultural no comer quando nos coloca a questão: Por que não comemos tudo aquilo que é biologicamente comestível? Em seu estudo, juntamente com Estelle Masson, sobre o comer, discutem regras de sociabilidade e apontam para alguns países que possuem mais regras e outros menos. É notório que cada um dos países de seu estudo, França, Itália, Suíça, Alemanha, Inglaterra e Estados Unidos, tem particularidades e diferenças nos modos de partilhar o comer, o que lhes confere modos próprios de atribuir significados ao que

é comestível e ao que não é. Estamos nesse estudo buscando compreender o consumo nesta perspectiva das Ciências Sociais, ampliando a concepção de necessidade que se restringe a uma condição biológica de sobrevivência.

Neste ponto, percebemos que existem conexões fortes entre os sentidos e os significados com a cultura local e a dinâmica de consumo. Conhecer o significado do fenômeno passa então pelo exame profundo de sua relação com a cultura. E mais: significa pensá-lo em outros termos e, com olhar crítico, perceber que, a partir dele, tocamos uma chave essencial para conhecer a própria cultura contemporânea (ROCHA, 2000).

Ainda que o consumo esteja atendendo a uma necessidade, esta é constantemente reconfigurada, ressignificada culturalmente. O fenômeno, portanto, deve ser visto como processo do qual o sujeito participa, envolvendo-se ativamente no bem que adquire, por meio do qual ele busca estabelecer suas relações sociais, seu sentido de identidade. Essa identidade já não pode mais ser considerada como algo fixo, que enlaça o sujeito apenas à classe social e ao gênero, por exemplo. A identidade hoje é móvel, fluida, está em permanente construção (HALL, 2006) e, neste contexto, o consumo tem papel fundamental.

Ao compreender a complexidade do fenômeno, percebemos o quanto uma abordagem interdisciplinar se faz necessária na busca de um aprofundamento intelectual. Interpretar o consumo é também observar o amplo leque de aspectos que nos motivam a consumir, como efeitos individuais ou pertencimento social (DESJEUX, 2011).

A escolha em consumir um alimento, considerando a alimentação humana como um ato social e cultural, carrega em si, mesmo que inconscientemente, este fluxo de informações presentes na vida, e assim nos organiza/localiza em uma sociedade plural. Fatores de ordem ecológica, histórica, cultural, social e econômica implicam em ressignificações envolvendo escolhas de consumo. Assim, estando a alimentação humana integrada à cultura, podemos pensar os sistemas alimentares como sistemas simbólicos, em que códigos sociais estão presentes, atuando no estabelecimento de relações dos homens entre si e com a natureza (CANSESQUI, GARCIA, 2005).

2.1.2 Consumo alimentar de jovens no espaço da escola

O presente estudo situa-se no campo na Alimentação e Nutrição, e a construção do conceito de consumo alimentar será organizada de acordo com uma categoria conceitual de consumo reconstruída a partir do conceito de Mary Douglas e Baron Isherwood (2013). Nesta seção apresentaremos alguns autores que contribuem para interpretação do consumo alimentar pelo viés social e o delimitaremos ao universo dos jovens na escola.

O ato do consumo alimentar envolve outros fatores que não somente a ingestão de um alimento e seus nutrientes, segundo Maciel (2002 p.145), "O alimentar-se é um ato vital, sem o qual não há vida possível, mas, ao se alimentar, o homem cria práticas e atribui significados àquilo que está incorporando a si mesmo, o que vai além da utilização dos alimentos pelo organismo." Assim, quando um alimento é consumido, juntamente a ele é consumido um signo, esse alimento expõe e transmite uma situação, constituindo uma informação.

No que tange o consumo de alimentos, temos ainda este ponto a considerar, o da incorporação, transformação da comida em "ser". Segundo Fischler (2011), o ato de comer possui um caráter muito particular. Ao ingerirmos alimentos, eles chegam ao que existe de mais interior em cada um, se diferenciando, por exemplo, de roupas que entram apenas em contato com o corpo. Desta forma transforma-se em substância íntima, transformando-se no próprio corpo.

O autor, devido ao fato, diferencia o consumo por alimentos de outros tipos de consumo. Nomeia o consumidor de "comedor", considerando que comer é uma forma muito particular de consumo, considera-o especial, pois a comida introduzida no organismo passa a fazer parte dele. Desta forma, ao comermos, colocamos dentro do corpo algo que tem calorias, energia, vitaminas, carboidratos, proteínas, mas também tem ou pode ter pesticidas, corantes, aditivos, conservantes, aromatizantes, dentre outros. Essas substâncias, ao entrarem no corpo se integram a ele. Neste ponto, reside a idéia de que o indivíduo é aquilo que ele come, que ele se torna aquilo que ele come. Isso revela a importância do valor simbólico da comida. Ao "comermos significados" partilhamos com os pares uma infinidade de representações (FISCHLER, 2011).

Em “A Fisiologia do Gosto”, livro clássico da gastronomia, datado de 1825, Brillat-Savarin, advogado, historiador e renomado cozinheiro francês no século XIX, aponta a partir da afirmação “Diz-me o que comes, eu te direi quem és”, os aspectos simbólicos que rodeiam o hábito alimentar. A reflexão sobre o citado nos permite observar a relação que o cozinheiro faz ao consumo alimentar e a identificação do sujeito. O comportamento relativo à comida, aqui, vem acompanhado de significados que podem nos identificar em uma cultura, um grupo social, dentre outras distinções (MINTZ, 2001).

Sob o aspecto, percebemos como a alimentação pode nos ligar a grupos distintos. Na atualidade percebemos a crescente formação de tribos alimentares a partir dos diferentes tipos de alimentos ingeridos: orgânico, vegetariano, veganos, macrobióticos, dentre outros (CARVALHO, 2013). A expressão do ser social pode ser observada pelas suas escolhas alimentares. Maciel (2004, p.25), afirma que “[...] a alimentação implica representações e imaginários, envolve escolhas, classificações, símbolos que organizam as diversas visões de mundo no tempo e no espaço.” As nossas escolhas alimentares seriam, então, passíveis de nos organizar em um mundo múltiplo em representações.

Desjeux (2011) classifica o consumo em escalas, na qual a dimensão macrossocial aponta para o fenômeno imerso, participativo das relações de uma sociedade. A partir dele é possível, segundo o autor, observar como os indivíduos incorporam os modelos culturais, os códigos, os etilos de vida, e as disposições sociais de seu grupo de pertencimento. Esse pertencimento nos leva a refletir sobre algo, que a um primeiro olhar, nos parece tão particular, como o gosto pessoal.

Segundo Carvalho (2013), somente podemos entender o gosto e desgosto dos indivíduos se levarmos em consideração as circunstâncias em que estes estão inseridos. O gosto se inscreve no corpo como processo, sendo reforçado e transformado a todo o momento na sociedade, resultando de um efeito de disposição social. O fato é explorado pela autora quando aponta para maior rejeição ao consumo de chá verde por culturas ocidentais em comparação a culturas orientais, sob esta ótica podemos observar a construção cultural frente o consumo de um determinado alimento. Nas palavras da autora:

> “O que observamos é que a construção do gosto depende também da construção dos sentidos e dos significados, e não está restrita a dimensão biológica de um corpo – esta não é soberana. Nem

> tampouco se configura de modo abstraído, restrita somente à dimensão social, mas na interação daquilo que é da ordem do coletivo, de uma cultura, com o que é da ordem do indivíduo – o que, ou como cada um é capaz de incorporar." (CARVALHO, 2013, p.38).

Em sentido corrente, não podemos deixar de frisar que os consumidores, como sujeitos sociais, são também agentes de sua prática e não meros reprodutores da estrutura de significados pré-moldada por sua cultura. Partimos da idéia de que a cultura não é um ente que nos impõe um tipo de consumo, em parte é uma livre escolha do consumidor, podendo ser ela irracional, supersticiosa, tradicionalista ou experimental, mas na sua essência como processo ritual em que as decisões de consumo se tornam fonte vital da cultura de uma época. O consumo alimentar traduzido por uma incorporação cultural, de caráter coletivo não se opõe ao individual, mas o complementa, produzindo e reproduzindo relações entre o comedor, alimento e sociedade (CARVALHO, 2013).

Neste estudo, o consumo alimentar está delimitado por público jovem no espaço da escola e, como dito anteriormente, a identificação do publico alvo, assim como a do espaço social e do comer, delimita e orienta a análise dos sentidos e significados. Desse modo, consideramos necessário definir aspectos sobre o consumo articulado à juventude, como uma fase transitória ente a infância e a maturidade, que é socialmente construída.

Os jovens do nosso estudo são iniciantes, encontram-se mais próximos do limite inferior da faixa de juventude, e por isso recebem o nome de adolescente. Sob esta delimitação, Rocha e Pereira (2009) apontam para divisão da juventude em dois grupos, jovem-adolescente, que se encontram mais próximo da infância, e jovem-adulto, que por sua vez, estão mais próximo da idade adulta.

No ambiente escolar o jovem tem um papel de aprendiz, alguém que ainda não sabe o que deve consumir de modo maduro, ou alguém que ainda não desenvolveu uma maturidade também na escolha alimentar, ainda não é o que deveria ser – um adulto. Nos termos de Coulon (2008, p.31), a demanda é que o jovem "aprenda a se tornar um deles para não ser eliminado ou auto eliminar-se porque continuou a ser um estrangeiro no mundo novo".

Nessa perspectiva a autonomia para a escolha alimentar não está tão legitimada como na fase adulta. Além da insegurança do ser aprendiz, os jovens desse estudo ficam na escola horário integral em vários dias e não podem trabalhar, dependem financeiramente da família.

Entendemos que suas escolhas são como que tuteladas por sua condição de transição para vida adulta. Como caracteriza Ariès (1991), as etapas da infância e a transição social para a maturidade são parte de uma construção social dos papeis dos membros das famílias ao longo do final do século XVIII e princípio do século XIX. Nessa transição as crianças deixam de ser 'pequenos adultos' e a noção de inocência da criança vai ganhando visibilidade junto com o surgimento da escola, que assume o papel de agência de formação independentemente da família, tornando os jovens aprendizes de uma condição social em uma camada social com certos privilégios por mais tempo no interstício entre ser criança e ser adulto (CERTEAU, 2011).

A localização neste intervalo demarca a ambiguidade dos sujeitos nele inserido, ele não é uma coisa só. Vivencia profundamente o dilema de ser criança e ser adulto, a experimentação das dúvidas e das certezas. O jovem está em uma passagem, sendo por vezes criança, e outras, adulto. É cobrado, e não cobrado, responsabilizado, e não responsabilizado. O poder adulto abre para ele essa dupla responsabilidade (ROCHA; PEREIRA, 2009).

Bourdieu (1983) explicita o jovem no jogo simbólico de poderes como alguém em um *status* temporário de 'meio-criança, meio-aduto'. Nesses termos, em nossa análise foi possível observar uma transitoriedade dos escolares em suas falas, conforme discutido adiante.

É nesta fase que os jovens se arriscam mais no estabelecimento de novas relações, a ruptura com nicho familiar marca a busca pela aceitação em outros grupos (MATURANA, 2010). Nessa fase o jovem já não é somente filho de seu pai e de sua mãe, ou ainda irmão, ou neto de seus avós, para além das relações familiares, o jovem começa a estabelecer seus amigos e inimigos, desejando uns e rejeitando outros, enfim, buscando sua identidade (ROCHA; PEREIRA, 2009).

Segundo a perspectiva teórica de Douglas e Isherwood (2013), o consumo alimentar na escola opera como um modo desse jovem se identificar perante suas relações sociais. Ainda que presente a dependência financeira com a família, é na escola que o jovem experimenta certa autonomia frente às suas escolhas alimentares. As decisões do que comer são realizadas frente às novas relações sociais (ROCHA; PEREIRA, 2009).

2.2 ESTRATÉGIA METODOLÓGICA

Adotamos como estratégia metodológica do presente trabalho, o estranhamento da noção de consumo alimentar convencional do campo da alimentação e nutrição, deslocando-a para uma experiência de recriação sensível do comer sustentada pelos pensadores das ciências humanas apresentados anteriormente. Partimos do princípio que naturalizar uma ideia tida como única verdade de consumo alimentar, somente como fenômeno fundamental para sobrevivência, perde de vista outras dimensões das humanidades em cada comensal. A concepção de consumo alimentar de jovens escolares seguiu uma perspectiva social entendendo que a uniformidade ameaça um diálogo frutífero, como mostra Neto (2016) em sua recente revisão teórica sobre o conceito de consumo.

Da mesma forma que o conceito nos reorientou o olhar nas análises e observações dos objetos, deslocando-o de uma concepção de consumo alimentar naturalizada como única, ou pelo menos como se fosse a mais verdadeira no campo da alimentação e nutrição, definir o espaço da escola deu um novo contorno para o contexto social dos jovens, delimitando um quadro de caracteres coerente com esse olhar.

Embora, por um lado, definir o espaço da escola e do comer dos jovens estudantes, já seja *per se* afirmar um resultado das observações sobre essa escola, entendemos que foi uma etapa necessária à construção do campo de pesquisa em uma escola básica. A construção do sujeito social era parte de uma paisagem dinâmica de muitos elementos latentes em um cenário de trocas simbólicas e de circulação de significados.

O ver, ouvir e falar dos estudantes público alvo desse estudo, assim como dos pesquisadores, se constroem a partir de aspectos específicos do espaço escolar como a diversidade de alunos de um Colégio de Aplicação, que ingressam por sorteio, assim como também do espaço do comer desse público alvo, com a presença de duas cantinas no pátio central. O que delimitamos como campo, na observação direta participante e na realização de grupo focal delimita os dados sensoriais, ideias e/ou representações circunscritos a este cenário. Qualquer elemento que não pudesse ser relacionado ao ambiente físico, social e alimentar do campo seria vazio de significado, o que justifica o fato de apresentá-los a seguir.

2.2.1 Identificando o espaço escolar

O campo de pesquisa escolhido para este trabalho é o Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, que é um órgão suplementar do Centro de Filosofia e Ciências Humanas – CFCH, e a unidade de Ensino Fundamental e Médio da universidade.

Inaugurado em março de 1946, quando o Decreto Lei 9053 deliberou que todas as Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras deveriam organizar um Colégio de Aplicação, tendo em vista a necessidade de experimentação metodológica nos cursos voltados à Educação e Licenciatura. Os Colégios de Aplicação foram concebidos a partir de duas premissas centrais: a de se constituírem em campo de estágio obrigatório para os licenciandos das Faculdades de Filosofia e o de oportunizarem a experimentação de novas práticas pedagógicas (CAP-UFRJ, 2016).

A Direção do CAp é constituída por um diretor geral, um vice-diretor, e a direções adjuntas de Ensino e de Licenciatura, Pesquisa e Extensão, que articulam a Educação Básica, os Estágios de Graduação, a Pesquisa e a Extensão (CAP-UFRJ, 2016).

O colégio desempenha a sua função acadêmica e institucional ancorada nos preceitos de ensino, pesquisa e extensão. No que se refere à formação de professores, o CAp vem contribuindo para a formação inicial a partir do trabalho pedagógico dos alunos da graduação da UFRJ e de instituições federais conveniadas, assim como a formação continuada mediante a atuação conjunta com a Faculdade de Educação (CAP-UFRJ, 2016).

Nos últimos trinta anos, o colégio agregou em seu projeto político-pedagógico projetos de pesquisa e extensão, que têm como objetivos a produção de materiais didáticos, metodologias, práticas pedagógicas e, sobretudo, formação de professores. Os projetos contam com a participação de bolsistas de Iniciação Científica, de Extensão e de Iniciação Artística e Cultural, sob a orientação do corpo docente (CAP-UFRJ, 2016).

Além de trabalhos internos, alunos da educação básica do CAp, em particular do Ensino Médio, têm oportunidade de participar de programas de Iniciação Científica realizando estágios em outras unidades da UFRJ e na Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ),

bem como de apresentar seus trabalhos em jornadas e congressos científicos (CAP-UFRJ, 2016).

O CAp UFRJ conta com histórico de funcionamento em espaços cedidos, no início de sua criação, suas atividades se realizavam em prédio cedido pela Fundação Getúlio Vargas, na praia de Botafogo. Após transferência, em 1952, funcionou por dez anos em prédio na Praça São Salvador. Já em 1962, o colégio passou a funcionar na Rua Joaquim José Seabra, prédio cedido pela Secretaria de Educação do Estado do Rio de Janeiro, local onde desenvolve suas atividades até o presente momento (CAP-UFRJ, 2016).

O colégio de aplicação fica situado em uma grande metrópole na região sudeste do Brasil, com elevado grau de urbanização em seu espaço. Localizado na Lagoa, bairro nobre da Zona Sul do município do Rio de Janeiro, e a poucos metros de distância da Lagoa Rodrigo de Freitas, ponto turístico da cidade e referência ao nome do bairro. A escola conta com uma localização privilegiada na cidade, rodeada por bairros nobres, como Ipanema, Leblon e Jardim Botânico. Seu espaço físico ocupa uma quadra no referido bairro, e no seu entorno encontra-se além da lagoa, restaurantes nobres, praças, prédios residenciais e comerciais de luxo. A seguir apresentamos a foto da fachada do colégio.

Figura 1: Fachada do colégio CAp UFRJ.

Fonte: Acervo da pesquisadora.

Além do espaço artístico encontrado em muro frontal do colégio, como podemos identificar na fotografia, encontramos dentro do espaço escolar paredes utilizadas por alunos como locais de manifestações culturais, políticas e identitárias. Esses espaços servem como locais de expressão para esses estudantes e alguns são limpos anualmente para que possam ser renovados.

Figura 2: Muros no interior do colégio.

Fonte: Acervo da pesquisadora.

Desde a sua criação, o Instituto caracteriza-se pela diversidade de seu corpo discente. Essa diversidade é expressa pelas diferenças, sejam elas socioeconômicas e culturais, de aprendizagem e de necessidades educativas específicas. O ingresso no colégio ocorre mediante a realização de concurso e sorteio, anualmente é divulgado edital para admissão de novos alunos. As vagas oferecidas destinam-se a estudantes do ensino fundamental e ensino médio. Os candidatos interessados passam por um primeiro processo seletivo que envolve provas específicas, e uma segunda fase de sorteio de vagas. Tais meios de seleção auxiliam na criação de um grupo heterogêneo significativo dentro da escola (CAP-UFRJ, 2016).

Segundo pesquisa acadêmica realizada por alunos de licenciatura do curso de geografia no ano de 2014, foi constatado que a escola recebe estudantes de quase todos os bairros do município do Rio de Janeiro, além de outros municípios. Os cinco bairros que mais possuem alunos no colégio, segundo essa investigação, são: Tijuca, Copacabana, Botafogo, Laranjeiras e Jacarepaguá, juntos, eles concentram 35,97% dos alunos matriculados. Dentre as regiões da cidade, o estudo aponta destaque para regiões Norte e Sul, com 39,31% e 37,86% dos alunos do colégio respectivamente. Dos alunos residentes em outras cidades destacam-se, Niterói, Duque de Caxias e São Gonçalo, que juntas totalizam 1,5% dos alunos do colégio (PRAZERES et al.,2014).

Atualmente, o colégio atende aproximadamente 760 alunos do 1º ano do ensino fundamental ao 3º ano do ensino médio e cerca de 400 alunos de licenciaturas. Os alunos se distribuem entre os turnos escolares, pela manhã são atendidos alunos do 6º ano do ensino

fundamental até o 3º ano do ensino médio, enquanto que o período da tarde acolhe alunos do 1º ao 5º ano do ensino fundamental (CAP-UFRJ, 2016).

Desde sua criação, o CAp UFRJ vem se caracterizando como uma escola singular, cujo trabalho pedagógico encontra-se alicerçado em três pilares básicos: a transmissão de cultura geral, com ênfase na formação humanística, a utilização de metodologia ativa e uma carga horária semanal ampliada, pela incorporação de novas práticas educativas. Além dos setores curriculares de biologia, educação física, espanhol, filosofia, física, francês, geografia, história, inglês, língua portuguesa, matemática, química e sociologia, o colégio possui no currículo as disciplinas de artes cênicas, artes visuais e música (CAP-UFRJ, 2016). Os alunos transitam entre os turnos escolares (manhã e tarde) devido a atividades voltadas a estes setores (participação em oficinas de teatro, de música e de artes visuais), além de participação em aulas de apoio e recuperações.

2.2.2 Identificando os espaços do comer

O colégio é contemplado com o Programa Nacional de Alimentação Escolar (Pnae), política pública gerenciada pelo Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) e que atende alunos da educação básica (educação infantil, ensino fundamental, ensino médio e educação de jovens e adultos) matriculados em escolas públicas, filantrópicas e em entidades comunitárias (conveniadas com o poder público), por meio da transferência de recursos financeiros (BRASIL, 2015).

O programa atende aos princípios do Direito Humano à Alimentação Adequada (DHAA) e da Segurança Alimentar e Nutricional (SAN). Possui como diretriz a distribuição de alimentação saudável e adequada, com fornecimento de alimentação variada, que respeite a cultura, tradições e os hábitos alimentares, contribuindo para o crescimento e desenvolvimento do aluno, favorecendo seu rendimento escolar. Orienta ainda a aplicação da Educação Alimentar e Nutricional no processo de ensino-aprendizagem, a partir de ações educativas que perpassem transversalmente o currículo escolar (BRASIL, 2015).

O recurso financeiro é complementado com verba pública destinada a alimentação de alunos matriculados na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e em suas instituições

pertencentes. Este, por sua vez, é gerenciado pelo Sistema de Alimentação da UFRJ (SIA-UFRJ), que possui unidade central localizada no campus Ilha do Fundão, Rio de janeiro.

Os pedidos de gêneros alimentícios são realizados na unidade central e entregues no colégio, local de elaboração e distribuição dos lanches. Estes, em sua maioria, são de fácil preparo devido às características físicas do ambiente. A preparação ocorre em copa anexa à área de distribuição da cantina, que possui espaço físico reduzido.

Cada turno escolar (manhã e tarde) possui dois intervalos, a cantina pública distribui lanches no primeiro intervalo de cada turno. São distribuídos lanches a alunos, licenciandos e funcionários, que normalmente são compostos de um sanduíche ou biscoito, fruta e suco natural, não são oferecidas refeições no local.

O colégio possui um diferencial de colégios públicos da cidade do Rio de Janeiro, além da cantina pública o colégio conta com a presença de uma cantina particular, que comercializa lanches nos intervalos dos turnos, e almoço, no período de 12:00h ás 14:00h.

Assim como a cantina pública, a cantina privada conta com um restrito espaço físico para elaboração e comercialização de lanches e refeições. Podemos salientar como característica marcante do ambiente, a pouca variedade de itens expostos em suas vitrines ou ainda anunciados através de letreiros e outros meios de comunicação.

As duas cantinas situam-se no pátio principal do colégio, local de grande circulação de alunos durante os dois turnos escolares, no espaço podemos encontrar ainda mesas coletivas e cadeiras para realização dos lanches durante os intervalos de aula.

Ainda como espaço alimentar, podemos destacar a disposição geográfica do colégio. A escola é contornada por uma variedade de estabelecimentos que comercializam lanches e refeições. Esses ambientes servem como opção no atendimento da demanda alimentar desse público jovem, considerando que muitos passam o dia no local tendo que realizar algumas refeições fora de seu domicílio.

2.3 OBSERVAÇÃO DIRETA E PARTICIPANTE

A observação direta participante foi importante instrumento auxiliar para a coleta de dados nesta pesquisa, esta possibilita o contato estreito entre observador e fenômeno observado (LUDKE e ANDRÉ, 1986). A partir dela buscou-se levantar detalhes relevantes do campo que pudessem auxiliar em nossas análises. O contato com os agentes, o compartilhar da convivência no ambiente e aproximação com o cotidiano alimentar desses jovens favoreceram a busca por informações, acerca de um amplo leque de práticas e representações sociais. Mais do que olhar o campo, a técnica busca interpretar os fatos observados a partir de elementos constituintes de uma realidade complexa (GEERTZ, 1989). Nas palavras do autor:

> "O que devemos indagar é qual é a sua importância: o que está sendo transmitido com a sua ocorrência e através de sua agência, seja ela um ridículo ou um desafio, uma ironia ou uma zanga, um deboche ou um orgulho." (GEERTZ, 1989, p.8)

Segundo Ludke e André (1986, p.26), a técnica ocupa um lugar privilegiado em abordagens de pesquisa qualitativa. Podendo ser usada como principal método, ou ainda, associada a outras técnicas de coleta de dados, como por exemplo, entrevistas. Em nossa exploração a utilizaremos associada à aplicação de grupo de foco, abordado adiante no texto.

Para aplicação do método foi necessária a realização prévia da delimitação e definição dos objetivos do estudo, considerando que não se pode observar tudo ao mesmo tempo, nem mesmo podem ser observadas muitas coisas ao mesmo tempo (QUEIROZ et al., 2007). Apontamos, aqui, para características inerentes ao ambiente escolar, que é atingido simultaneamente por diversas atividades ao longo do dia. Desse modo selecionamos os elementos do campo de acordo com nossos objetivos. Primamos por participações em eventos e atividades relacionadas ao projeto que auxiliou nossa entrada no campo.

Ainda no que concerne a utilização da técnica, temos como particularidade dos dados coletados a sensibilidade da pesquisadora ao que se mostra o campo do estudo. O que cada pessoa seleciona para "ver" depende muito de sua história pessoal e principalmente de sua bagagem cultural. Características individuais como o tipo de formação da pesquisadora, o grupo social a que pertence, suas aptidões e predileções fazem com que sua atenção se

concentre em determinados aspectos da realidade, desviando-se de outros (LUDKE e ANDRÉ, 1986).

Na busca de arquivamento e sistematização dos dados coletados foi elaborado um diário de campo para registro das observações e informações obtidas durante o processo de inserção. A participação ativa da pesquisadora se constitui no acompanhamento da realização de práticas educativas em aulas de apoio do núcleo de biologia, participações em eventos escolares, e em reuniões. Os eventos citados serão descritos a seguir.

2.3.1 Participação em reunião da DALPE

O primeiro contato no CAp UFRJ para construção do campo aconteceu em meados de 2016, na qual a entrada no cenário ocorreu por intermédio do projeto de extensão/pesquisa. Esse projeto possui como objetivo promover diálogo entre os atores sociais da comunidade escolar em torno da temática direito à alimentação adequada dentro de atividades curriculares do ensino fundamental de forma interdisciplinar.

A natureza extensionista do projeto direcionou nossa equipe a Direção Adjunta de Licenciatura Pesquisa e Extensão (DALPE), setor responsável em avaliar os projetos a serem inseridos no colégio. As primeiras trocas de informações e reconhecimento entre as duas equipes (DALPE e pesquisa) ocorreram a partir de trocas de e-mails, e nosso primeiro encontro presencial ocorreu em agosto de 2016.

A primeira reunião contou com a presença das diretoras da DALPE, professores da equipe de ciências biológicas do colégio, a nutricionista do sistema de alimentação e de nossa equipe de pesquisa. Devido ao conteúdo de nossas ações, nosso projeto foi articulado a atividades já existentes no colégio, coordenadas pelo setor de biologia, descritas a seguir.

Com o decorrer das ações, outros encontros com a direção de extensão do colégio aconteceram, dentre esses vale ressaltar nossa reunião com a Associação de Pais, Alunos e Amigos do Colégio CAp UFRJ (APACAp) e com alunos do Grêmio Estudantil. A referida atividade possuía como objetivo a explanação de atividades que estavam sendo desenvolvidas

no espaço escolar visando ao reconhecimento dessas por pais e alunos, além de estudo para possíveis novas articulações.

2.3.2 Participação em aulas de apoio do Núcleo de Biologia

O colégio conta com aulas de apoio no período de contra turno, estas são destinadas a alunos com dificuldade no conteúdo programático de cada disciplina. As aulas não são obrigatórias, mas recomendadas por professores aos alunos selecionados.

As aulas de apoio do núcleo de biologia para alunos do 6º e 7º ano do ensino fundamental abordam assuntos relacionados à alimentação, consumo, ambiente e saúde, devido relação dos temas com aulas lecionadas no período escolar. A articulação dos assuntos aproximou nosso grupo de pesquisa a esse setor. Os temas das aulas foram então acordados em reuniões de planejamento semanais que antecederam os eventos e como produto foram propostas atividades que articulavam os campos da Alimentação e Nutrição e da Biologia. O quadro abaixo visa resumir os temas e atividades realizadas nesses encontros.

Tabela 1: Atividades realizadas em aula de apoio.

Atividades de Aula de Apoio		
Encontros	**Temas**	**Atividades Realizadas**
27/10/2016	Conhecendo a Horta Escolar	Elaboração de ficha técnica de itens da horta escolar.
03/11/2016	Fotossíntese e Pigmentação	Apresentação e diferenciação de pigmentos naturais e sintéticos. Elaboração de receita com uso de pigmentos naturais – pão de queijo com beterraba.
10/11/2016	Pigmentos e Brotos	Retomada e fechamento do tema pigmentação. Introdução sobre partes da planta e atividade de germinação de

		brotos.
17/11/2016	Brotos Alimentares	Discussão sobre Brotos Alimentares e preparo de lanche com brotos germinados por alunos no encontro anterior.
04/05/2017	Guia Alimentar	Apresentação do Guia Alimentar para a população brasileira e elaboração de receita com itens da horta.
11/05/2017	Rotulagem dos alimentos	Atividade com rótulos de alimentos trazidos por alunos.
18/05/2017	Rota dos Alimentos	Atividade sobre o caminho do alimento desde a produção ao consumo com uso de maquete.
25/05/2017	Microorganismos na produção de alimentos	Apresentação da importância dos microorganismos na produção de alimentos, visualização em microscópio, elaboração de receita de pão caseiro.
10/08/2017	Biodiversidade	Apresentação de filme sobre o tema e atividade de caça ao tesouro.

Fonte: Elaboração própria, 2017.

As aulas contavam com encontros semanais e ocorriam no espaço do Clube de Ciências. O local é destinado ao setor de ciências biológicas do colégio e no espaço podemos encontrar uma sala de professores (docentes da área biológica), e uma ampla área de estudos, na qual encontramos mesas coletivas, estantes com livros e ainda um aquário, mantido por alunos e professores do clube.

Além das áreas, citadas é possível identificar uma horta escolar no espaço externo anexo ao clube. O local surgiu como iniciativa de professores do núcleo e é mantido devido

ao auxílio de alguns alunos, professores e copeiras do sistema de alimentação, que fornecem sementes e disponibilizam seu tempo para o cuidado do espaço.

Figuras 3 e 4: Aulas de apoio no período de contra turno e visitação na horta escolar.

Fonte: Acervo da pesquisadora.

2.3.3 Participação em eventos escolares

A participação de nossa equipe não se limitou aos eventos descritos acima. A partir de demanda da diretora da DALPE, que explicitou seu desejo em articular temáticas do campo de Alimentação e Nutrição com outros setores do colégio, nos envolvemos em planejamentos e execuções de outras atividades durante nosso período de permanência no colégio, de aproximadamente um ano.

Em novembro de 2016 organizamos uma tarde de plantio de árvores frutíferas. A ação intitulada de “Alameda Frutífera do CAp UFRJ” ocorreu mediante a mobilização de vários agentes do colégio, como: Grêmio estudantil, setor de biologia, sistema de alimentação, APACAp e DALPE.

O levantamento de dinheiro para compra de insumos ocorreu a partir de rifa organizada por Grêmio estudantil e doações de pais membros da APACAp. Com a arrecadação foi possível adquirir vasos, terras e parte de mudas das árvores frutíferas. Outra

porção das mudas foi doada por atores do espaço com a finalidade de auxiliar na execução do plantio.

A atividade ocorreu na tarde do dia 24 de novembro, alunos, professores e direção estavam presentes. No encerramento, contamos ainda com a realização de um lanche coletivo, elaborado por copeiras colaboradoras do sistema de alimentação. As preparações foram disponibilizadas por nossa equipe, e priorizamos receitas anteriormente realizadas nas aulas de apoio do colégio.

Figuras 5 e 6: Alameda frutífera e Ação de plantio de árvores frutíferas.

Fonte: Acervo da pesquisadora.

Já em 2017, no mês de abril, realizamos um dia de mutirão na horta escolar em parceria com o Projeto de Extensão da UFRJ Muda Maré. O projeto promove atividades de educação ambiental e agricultura urbana na comunidade do Complexo da Maré, na região Leopoldina do Rio de Janeiro. O contato com algumas integrantes do projeto ocorreu por intermédio de professoras de biologia do colégio e nossa equipe. Para a execução do mutirão contamos com a doação de mudas de horta por pais, alunos e professores, além de doação de terra para plantio por Horto Universitário da UFRJ, parceiro do projeto Muda Maré.

A atividade contou com esforços de professoras do núcleo de biologia, nossa equipe de pesquisa/extensão e integrantes do projeto acima citado, além de participação de alunos do sexto e sétimo ano do ensino fundamental. O fato de a ação ter ocorrido em período extraclasse favoreceu a participação de alunos que habitualmente permanecem no colégio no período da tarde para atividades de recuperação e aulas de apoio.

Figuras 7 e 8: Equipe em mutirão da horta e mudas doadas para ação de mutirão.

Fonte: Acervo da pesquisadora.

No mês de maio nossa equipe foi convidada por professor de ciências biológicas do oitavo ano do ensino fundamental para participação em aula regular. No momento os alunos trabalhavam na disciplina com o tema sistema digestório, nutrientes e alimentação. Foi proposta dinâmica que envolvia estes conteúdos programáticos a atividades pedagógicas sobre rotulagem de alimentos. A atividade foi aplicada nas duas turmas do referido ano.

Figura 9: Encontro com alunos do oitavo ano do ensino fundamental.

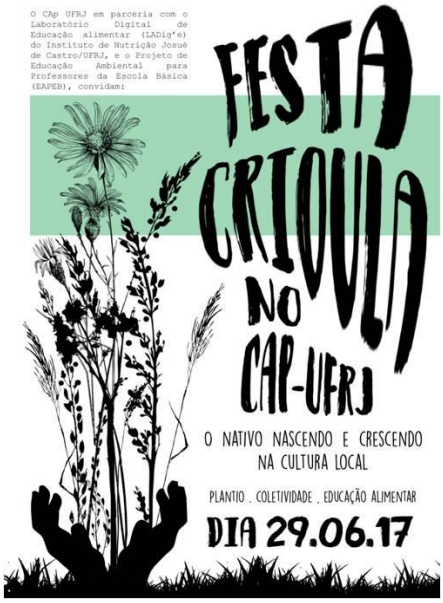
Fonte: Acervo da pesquisadora.

Dando continuidade a esta aproximação com o universo do colégio e seus agentes, participamos do planejamento e execução de evento escolar intitulado “Festa Crioula”. O evento ocorreu no dia 29 de junho de 2017 e se propôs a favorecer o desenvolvimento de

ações de promoção de saúde no Colégio, por meio da articulação de noções de educação alimentar e nutricional e educação ambiental.

A festa apresentou planejamento extenso que ocorreu durante meses que a antecedeu. A organização contou com atores internos e externos ao colégio. Além dos agentes citados no planejamento das atividades anteriores como, DALPE, professores de biologia, SIA-UFRJ e equipes de pesquisa e extensão, destacamos aqui a participação de alunos de graduação do curso de nutrição da UFRJ e nutricionistas da Associação de Nutrição do Estado do Rio de Janeiro (ANERJ).

Figura 10: Folheto de divulgação do evento Festa Crioula.



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Na data do evento, áreas específicas do colégio contavam com atividades voltadas para ações e discussões acerca de plantio, agroecologia e biodiversidade brasileira. No pátio do colégio foi exposto cartaz que contava a história das atividades realizadas pelo SIA-UFRJ. O lanche foi servido em grande mesa central disposta também no pátio, e o sanduíche contava com adição de Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANC). Além de estarem presentes no lanche do dia, as PANC foram alvos de atividades, uma mesa expositiva no evento era direcionada a essas plantas e nela podíamos encontrar expostas variedades de espécies.

A festa contou ainda com atividades de educação alimentar e nutricional elaboradas por alunos da graduação em nutrição e nutricionistas da ANERJ e sessões de vídeos em auditório para alunos do primeiro e sexto ano do ensino fundamental.

Figuras 11 e 12: Cartaz do SIA-UFRJ, lanche distribuído na Festa Crioula e mesa de exposição de PANC.

Fonte: Acervo da pesquisadora.

A participação da pesquisadora e equipe em eventos escolares facilitou uma presença prolongada no campo, de modo não pontual, facilitando a percepção de disposições duráveis do local. Privilegiou-se também a presença descontraída da pesquisadora em momentos escolares, como distribuição de lanches, intervalos e horários de almoço na busca de menor rigidez entre observador e observado, o que poderia dificultar na aproximação a elementos relevantes do campo.

2.4 REALIZAÇÃO DE GRUPO FOCAL

Para que a investigação pudesse ser operacionalizada, após a aprovação do projeto pelo Comitê de Ética em Pesquisa, deu-se sequência à coleta de dados selecionando como instrumento a técnica do Grupo Focal (GF). Definida por Kitzinger (2009) como o "uma forma de entrevistas com grupos, baseada na comunicação e na interação", o método foi empregado considerando que algumas informações mais aprofundadas sobre o consumo alimentar nos faltava em vários momentos. A partir deste buscou-se dar voz ao campo de pesquisa e seus agentes.

A técnica deriva-se das entrevistas grupais, coletando informações por meio das interações em grupos, tendo como principal objetivo a reunião de informações detalhadas sobre um tópico específico (sugerido por um pesquisador, coordenador ou moderador do grupo) a partir de um grupo de participantes selecionados. Ela busca colher informações que possam proporcionar a compreensão de percepções, crenças, atitudes sobre um tema, produto ou serviços (MORGAN, 1997).

O GF difere da entrevista individual por basear-se na interação entre as pessoas para obter os dados necessários à pesquisa. Por este motivo, a técnica foi eleita como método de coleta de dados, considerando-se o público alvo, jovens escolares. Partimos do princípio de que uma técnica interativa favorece trocas e participações descontraídas dos participantes entre si e com o tema. Os sujeitos da pesquisa encontram no Grupo Focal liberdade de expressão, que é favorecida pelo ambiente, o que auxilia em uma participação efetiva (MINAYO, 2000).

O planejamento é parte fundamental para aplicação da técnica, neste momento aspectos inerentes ao andamento do trabalho necessitam ser contemplado. Neste sentido, o planejamento assumiu grande importância tendo em vista a necessidade de visualização de particularidades que serão imprescindíveis para o alcance do objetivo que se pretende. As decisões referentes ao mesmo foram tomadas quinze dias antes do convite formulado. Seguindo critérios apontados por Leny (2009), contemplamos no planejamento, a equipe participante, grupo selecionado, recursos necessários, conteúdo, a seleção do local, meios de coleta de dados, o convite, o cronograma, duração e a condução da sessão. Neste momento, estabeleceu-se, ainda, que fosse realizada reunião única do Grupo Focal de jovens escolares.

A equipe de trabalho foi composta pela pesquisadora, no papel de moderadora, uma nutricionista, como observadora, e a orientadora deste trabalho, no papel de Auxiliar de Pesquisa.

Como função, a moderadora possuiu como responsabilidade os encaminhamentos e direcionamentos necessários, bem como o incentivo na participação de todos os componentes do grupo. A observadora do grupo possuiu a função de registrar o ordenamento das falas, e sutilezas do momento, que se tornam fatores indispensáveis para o enriquecimento das

análises. Já as funções principais da auxiliar de pesquisa foram, evitar a distração dos participantes, e facilitar o transcorrer de todo o percurso programado.

Quanto ao conteúdo trabalhado, foi elaborado um roteiro contendo quatro fases: I.identificação, II.introdutória, III.chave, IV.resumo e fechamento. O roteiro na íntegra encontra-se anexado ao fim deste documento (apêndice A). Salienta-se que as perguntas norteadoras do grupo ficaram sob encargo da moderadora e sua condução, auxiliando desta forma na progressão e no enriquecimento da reunião.

Esse roteiro visa ao entendimento de fenômenos sociais na intencionalidade que lhe atribuem os alunos, sensível a uma inclinação ou propensão ao consumo por parte deles. O uso das palavras e qual o sentido que elas fazem pra eles é o que se busca compreender.

Tabela 2: Resumo de fases do Grupo Focal (GF).

Seções	**Fases**	**Aspectos abordados**
Identificação	Identificação	Nome Idade Local de moradia
Distribuição de imagens	Introdutória	Imagens de alimentos cedidas aos participantes.
Comida e Felicidade	Chave	Que alimento te deixa feliz? Qual alimento você inventaria?
Comportamento e Mídia	Chave	Locais, veículos e informações acessados pelos jovens.
Imagem e Dieta	Chave	Aspectos imagéticos e preocupação com o corpo.
Fechamento	Resumo e Fechamento	Sintetizado principais pontos abordados, abertura para colocações finais dos participantes.

Fonte: Elaboração própria, 2017.

Para que esta técnica tenha êxito, é importante que se dê atenção ao ambiente onde ocorrerá a reunião do Grupo Focal. Este deve estar livre de barulho, de situações de permitam a distração, ser confortável, agradável, e de fácil acesso (LENY, 2009). O ambiente escolhido, laboratório de ciências do colégio, adequou-se perfeitamente aos requisitos citados.

As cadeiras foram dispostas ao redor de duas mesas centrais, ficando os participantes em forma de círculo com a possibilidade de visualização de todos entre si. Contamos ainda com uma mesa de apoio, para acomodação de materiais utilizados no GF. A moderadora e a auxiliar de pesquisa estavam também presentes neste círculo. A observadora optou em permanecer fora do círculo, atrás dele, para poder visualizar com maior facilidade, e levantar-se em determinados momentos para anotações mais fiéis sem perturbar demasiadamente a condução do GF.

O uso desta técnica necessita de recursos, tais como gravação e/ou filmagem das falas. Neste sentido, recorreu-se a gravação como recurso auxiliar. Dois gravadores digitais, da marca Sony® e modelo ICD-PX312F, foram posicionados em oposição em dois pontos sobre a mesa para a captação da voz, facilitando a transcrição posterior. Não foi adotado o uso de filmagem, considerando que a captação de imagens é fator de constrangimento, e poderia dificultar o transcorrer do grupo.

Os participantes da pesquisa foram comunicados que haveria captação de áudio, não havendo nenhuma objeção ao fato. Os gravadores foram ligados no início da reunião, com intervalo entre eles de aproximadamente 1 minuto. Não houve necessidade de troca de baterias durante a aplicação do GF. Isso fez com que não houvesse interrupção ou perda de parte das conversas.

A seleção dos participantes do GF adotou alguns critérios. Dentre eles, eram elegíveis alunos regularmente matriculados no CAp UFRJ e com idades que variavam entre 12 e 14 anos. Os alunos selecionados não precisariam necessariamente ter participado de atividades articuladas ao projeto de extensão já mencionado neste texto, ou ainda outras atividades que tivessem a participação da pesquisadora deste trabalho.

O convite a participação ocorreu no mesmo dia de aplicação do GF, em meados de setembro de 2017. A pesquisadora, com o auxílio de uma professora da área de ciências

biológicas do colégio, fez o convite pessoalmente em uma turma do sétimo ano do ensino fundamental durante aula de biologia. Os alunos interessados em participar foram então dispensados e encaminhados ao local de aplicação. Voluntariamente, 21 dos 32 alunos da turma se prontificaram a integrar o grupo. Foi então adotado com estratégia um sorteio realizado pela pesquisadora e professora, visando a atender o número planejado de oito participantes.

Durante o acolhimento, a observadora entregou um crachá aos alunos para que pudessem colocar seus nomes facilitando a identificação. Os estudantes escolheram seus lugares à mesa de forma aleatória.

Iniciando a explanação, ocorreu a apresentação da equipe e posterior identificação da pesquisa e da instituição a qual está veiculada. Em seguida, foi solicitado aos participantes que se identificassem, informando nome, idade e local de moradia. Após apresentações, foi realizada uma breve exibição dos tópicos de discussão, uma abordagem sobre a técnica e seu objetivo, a orientação à utilização do gravador, e orientação sobre a dinâmica do trabalho, citando a importância de todos participarem, e de se evitarem as conversas paralelas e dispersões.

Foi alcançado o número de participantes planejado, oito alunos, que se dividiram em três participantes do sexo feminino (37,5%) e cinco participantes do sexo masculino (62,5%).

Os sujeitos desta pesquisa foram identificados por nomes fictícios elencados por pesquisadora. Os pseudônimos foram alocados aleatoriamente, sem que haja ligação direta sobre o autor da fala e a identificação utilizada na pesquisa. Buscando-se assim proteger o anonimato dos participantes. As falas registradas nas análises estarão sempre reconhecidas pela identificação do aluno. A tabela a seguir foi traçada visando à caracterização dos alunos participantes.

Tabela 3: Identificação dos alunos participantes do Grupo Focal.

Identificação	Sexo	Idade	Moradia
Júlia	F	12	Tijuca
Ana Clara	F	12	Tijuca
Luiz	M	13	Flamengo
Joana	F	13	Grumari
Carlos	M	12	Rio Comprido
Leonardo	M	14	Lapa
Antônio	M	14	Ramos
Alexandre	M	13	Maracanã

Fonte: Elaboração própria, 2017.

Na sequência, a moderadora fez a leitura do Termo de Assentimento (TA - apêndice B) cujo preenchimento e assinatura, pelos sujeitos da pesquisa, deram-se em seguida. Foi entregue ainda o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE - apêndice C), para que fosse assinado pelos responsáveis dos menores participantes. Para recolhimento do TCLE, a pesquisadora manteve contato com professora de ciências e compareceu ao colégio nas semanas seguintes para obtenção dos documentos. Os termos foram elaborados em duas cópias, permanecendo uma com o participante.

Após as etapas descritas, foi adotada como estratégia previamente definida, a utilização de imagens de alimentos e preparações como estímulo ao início das discussões. O uso de cartazes, fotografias, histórias e filmes como "quebra-gelos" são habitualmente utilizados em grupos focais como artifícios de encorajamento as primeiras falas (CARLINI-COTRIM, 1996).

Para isso, foram selecionadas imagens em um perfil público de arte, "Tax Collection" da Rede Social *Online* (RSO) Instagram. O perfil se define como uma plataforma para artistas, galerias e criativos. E a Rede Instagram possui como característica a emissão de mensagens a partir de compartilhamento *online* de fotografias e vídeos. Os conteúdos partilhados por esta RSO podem ainda ser acompanhados de legenda

de descrição. As imagens eleitas possuíam como característica comum a presença de um alimento ou preparação alimentar em formato diferente do encontrado no cotidiano atual. Como exemplo, “picolé de sushi”, “banana com glitter” e “limões azuis”.

As fotografias foram impressas em tinta colorida com alta definição em laboratório de informática da pós graduação em nutrição da UFRJ e plastificadas manualmente pela pesquisadora. A intenção na escolha das imagens, além da desinibição dos participantes, foi a de despertar a imaginação dos participantes para as questões que se sucederam.

Figura 13: Imagens utilizadas no GF.

Fonte: Acervo da pesquisadora.

As imagens foram dispostas ao centro da mesa e os alunos foram incentivados a falar sobre as gravuras. A partir das falas inicias, a moderadora seguiu as etapas previamente estabelecidas em roteiro, respeitando o curso das falas e estimulando a participação de todos os alunos. O GF teve duração de 1 hora e 30 minutos. Para fechamento do grupo foram rememorados pontos abordados e aberto espaço para colocações finais dos participantes.

2.5 TRATAMENTO DE DADOS: ANÁLISE DE CONTEÚDO

O método de análise de conteúdo (AC) é compreendido como um conjunto de técnicas de análise das comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, podendo ser documentadas de forma escrita, visual ou ainda por áudio. Devido essa conjunção, a técnica se torna um instrumento marcado por sua adaptabilidade de aplicação em campos vastos (BARDIN, 2016).

> "Qualquer comunicação, isto é, qualquer veículo de significados de um emissor para um receptor, controlado ou não por este, deveria poder ser escrito, decifrado pelas técnicas de análise de conteúdo." (BARDIN, 2016, p.38).

Historicamente, o desenvolvimento da técnica deu-se nos Estados Unidos, a partir do século XX, aplicada majoritariamente em análise de materiais jornalísticos. H. Lasswell foi o primeiro nome que de fato ilustra a história da análise. O sociólogo e também cientista político, com o auxílio da técnica, realizou análises de imprensa e propaganda desde meados de 1915. O início de utilização da técnica foi marcado por análises de materiais jornalísticos. Contudo, em sua evolução histórica, amplia-se a aplicação desta modalidade de análise (BARDIN, 2016).

A AC é considerada como uma técnica de análise de dados híbrida por possuir características quantitativas em sua primeira etapa e qualitativas nas seguintes. Devido sua natureza interpretativa necessita-se de uma sensibilidade do pesquisador para avaliar os dados importantes a serem analisados. Em geral, o pesquisador segue seu próprio caminho baseado nos seus conhecimentos teóricos, norteado pela sua competência, sensibilidade, intuição e experiência, considerando que a técnica de análise de conteúdo se faz na prática (BARDIN, 2016).

> "[...] a análise de conteúdo não deve ser extremamente vinculada ao texto ou a técnica, num formalismo excessivo, que prejudique a criatividade e a capacidade intuitiva do pesquisador, por conseguinte, nem tão subjetiva, levando-se a impor as suas próprias idéias ou valores, no qual o texto passe a funcionar meramente como confirmador dessas." (CAMPOS, 2004, p.613).

Segundo Bardin (2016, p.20) “a atitude interpretativa continua em parte a existir na análise de conteúdo, mas é sustentada por processos técnicos de validação”. O analista de conteúdo deve então seguir uma série de medidas para compreender a significação das mensagens e contribuir para o enriquecimento do estudo.

A intenção deste tipo de análise é efetuar deduções lógicas e justificadas, referentes à origem das mensagens, tomando em consideração o emissor, o contexto e eventualmente os efeitos dessas mensagens (BARDIN, 2016). A análise da inter-relação entre as estruturas narrativas do texto e a produção de sentidos e significados, aqui, busca compreender os aspectos simbólicos de o consumo alimentar em grupo específico.

A escolha da técnica como instrumento de análise de dados no presente estudo teve como objetivo proporcionar um olhar multifacetado sobre a totalidade dos dados recolhidos. Consideramos que o conteúdo de uma comunicação, aqui, a fala humana, é rico e apresenta uma visão polissêmica e valiosa, que notadamente permite ao pesquisador uma variedade de interpretações (CAMPOS, 2004). Selecionar o método AC como instrumento de investigação é, segundo Bardin (2016, p.34) “recusar-se ou tentar afastar-se dos perigos da compreensão espontânea. É igualmente “tornar-se desconfiado” relativamente aos pressupostos.”. Este é o caminho que buscamos traçar ao longo do processo de análise.

Na aplicação deste método de análise partimos das três fases citadas por Bardin (2016) para sua legitimação científica, sendo elas: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados e interpretações. Que se definem por: organização de todo material bruto coletado, criação de categorias de análise e produção de inferências e interpretação dos dados, respectivamente.

O primeiro passo, na fase de pré-análise, foi possibilitar a imersão da pesquisadora nos dados coletados, por meio de escutas e leituras de material bruto obtido. A referida fase originou documentos de transcrições dos áudios capturados no GF.

De modo consequente foram elaboradas as categorias de análise visando atender as demandas do estudo. Segundo Laurence Bardin (2016, p.43), este procedimento denominado análise categorial leva “em consideração a totalidade de um texto, passando-o pelo crivo da classificação e do recenseamento, segundo a frequência de presença (ou de ausência) de itens

de sentido". As delimitações precisas tranquiliza a consciência do analista considerando que estas destilam uma grande quantidade de dados em descrições mais curtas de materiais com características semelhantes (BARDIN, 2016). Abaixo, as categorias escolhidas para compreender a significação das narrativas em estudo e suas descrições.

Tabela 4: Classificação de categorias de análise.

Aspecto Analisado	**Categorias**	**Dados colhidos**
Tema central: Sentidos e significados do consumo alimentar de jovens escolares.	Comida de colégio Corpo e Saúde Mídia	Discursos proferidos por jovens escolares em aplicação da técnica de Grupo Focal.

Fonte: Elaboração própria, 2017.

A primeira categoria que surgiu dos dados foi "Comida de Colégio", a qual foi estratificada em três temáticas, sendo elas: Cantina Pública, Cantina Particular e Comida do Entorno. Esta divisão ocorreu devido ao fato de serem encontrados discursos que envolviam os três ambientes do comer, que, por sua vez, são constituintes do cotidiano dos jovens abordados. Nesta categoria, cada temática foi dividida em "atitudes valorizadas" e "atitudes rejeitadas", em que as falas foram alocadas segundo fornecimento de valorização ou desvalorização atribuída a cada espaço.

Temos "Corpo e Saúde" como segunda categoria, a qual se divide em duas temáticas. Sendo elas: Estética e Cuidados com a alimentação. Discursos eleitos para grupo "Estética" priorizavam valores ligados uma imagem corporal, uma valorização do padrão do corpo magro e musculoso, associado à dieta e estilos alimentares. As narrativas elencadas a temática "Cuidados com a alimentação" possuíam como característica a preocupação com o estado ou manutenção de saúde, e que envolviam regras atreladas a alimentação.

Por fim, a terceira categoria, "Mídia", amparada por temática: Canais e Personagens. A temática priorizou falas que se referiam a veículos de comunicação de massa e plataformas e redes sociais *online* (RSO) acessadas e posições que se relacionavam diretamente a uma celebridade midiática veiculada a esses meios.

Surgiram, portanto, três categorias para análise dos significados do consumo alimentar de jovens. Durante as estratificações, foi percebido que as categorias possuíam pontos de convergência, devido à apresentação de conteúdos que promovem a junção de sentidos e significados. Entretanto, evitamos a junções das categorias, priorizando uma delimitação precisa para cada. A tabela a seguir visa a resumir a quantidade de narrativas elencadas em cada categoria.

Tabela 5: Divisão de narrativas em categorias de análise.

Categorias	**Temáticas**		**Número de Narrativas**	**Total por Categoria**
Comida de Colégio	Cantina Pública	Atitudes Valorizadas	02	43
		Atitudes Rejeitadas	12	
	Cantina Privada	Atitudes Valorizadas	04	
		Atitudes Rejeitadas	16	
	Comida do Entorno	Atitudes Valorizadas	09	
		Atitudes Rejeitadas	02	
Corpo e Saúde	Estética		10	30
	Cuidados com a alimentação		20	
Mídia	Canais e personagens		19	19
Número total de narrativas selecionadas para análise			92	

Fonte: Elaboração própria, 2017.

A linguagem trazida pelo veículo de comunicação desta pesquisa é a fala humana, isto é, o aspecto individual e atual (em ato) da linguagem. Bardin (2016) diferencia a técnica de AC de outras derivadas da linguística, conceituando "que a análise de conteúdo tenta compreender os jogadores ou o ambiente do jogo num momento determinado" (p.49). Desta

forma, a análise de conteúdo se diferencia por levar em consideração as significações e a forma de distribuição desses conteúdos que neste estudo é ainda acrescido da vivência da pesquisadora no campo, o que a aproxima do contexto social local.

Analisar o consumo alimentar a partir dos dados obtidos no GF é compreender que o conteúdo a ser analisado é parte do discurso humano, que na perspectiva de Bardin (2016), é visto como um processo que sofre interferências do fluxo de informações e do "outro". Guiados por essa premissa visamos contextualizar os dados obtidos. As falas dos jovens representavam essa contaminação e mediação pelo outro, temas lançados eram alvos de debates calorosos e logo a seguir tinha-se a retomada de um ponto abordado ou ainda a migração para novo alvo de discussão.

Assim o conteúdo que analisamos é aquilo que ocupa quase toda a fala, que se mostra relevante para os alunos, que suscita debate e reconhecimento como uma tendência de consumo. O conteúdo é aquilo que na conversa tem vocação para o consumo, para o uso e a incorporação, ainda que temporária ou efêmera, como acontece na juventude desse grupo de alunos.

Devido essa característica interrupção de informação, e apoiados em recomendações da técnica utilizada na metodologia do estudo, durante a leitura em aprofundamento do material foram procurados temas repetitivos, sentenças que representavam situações de significado similar, ou mesmo metáforas e palavras que poderiam representar significados particulares para elaboração de categorias que auxiliaram no processo de análise.

A criação dessas rubricas ocorreu a partir de uma sensibilização da equipe de pesquisa a questões referentes à vivência no espaço e grupo analisado, considerando, contudo o contexto e o momento no qual o material verbal foi produzido no GF. Foi necessária uma espécie de aquecimento para sensibilizar a escuta de modo identificar os conteúdos presentes para que esses pudessem ser agrupados em categorias, nem sempre colocados de modo explícito nas falas.

Neste ponto, cabe destacar que em diversos momentos as categorias se fundiam nas narrativas, essa característica expressa que a coexistência dos conteúdos e temas nas falas é derivada também da coexistência deles na cultura, não é limitado, eles interagem e se

expressam de forma interativa. A delimitação de categorias realizada a partir de critérios estabelecidos pela pesquisadora e equipe visou nortear nossas análises, mas não engessá-las dentro de limites precisos.

Diante do exposto, espera-se que as categorias e seus desmembramentos permitam nos aproximar ao imaginário de motivações, desejos, interesses que circulam as escolhas alimentares desses atores sociais. A etapa inicial, de contagem de narrativas, da técnica de AC auxiliou na visualização do número de aparições discursivas destinadas às categorias determinadas, indicando um investimento. Esse processo favoreceu na ordenação dos aspectos relevantes abordados pelo grupo de estudo, e que serão alvos de análises de modo articulado com os argumentos apresentados na fundamentação teórica do estudo.

3 ASPECTOS ÉTICOS

Para que pudéssemos realizar esta pesquisa foi necessário submeter o desenvolvimento do trabalho de campo a Plataforma Brasil, que é a base nacional e unificada de pesquisas envolvendo seres humanos que direciona trabalhos para todo o sitema CEP/CONEP (Comitê de ética em pesquisa/ Comissão Nacional de Ética em Pesquisa).

Esta submissão direcionou nosso trabalho à Comissão de Ética do CEP/HUCFF/FM/UFRJ (Comitê de Ética em Pesquisa do Hospital Universitário Clementino Fraga Filho e da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio de Janeiro). A referida comissão concedeu autorização para realização da pesquisa sob o número de registro CAEE (Certificado de Apresentação para Apreciação Ética) 79236717.2.0000.5257.

Juntamente à autorização para pesquisa, obtivemos a aprovação dos Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e Assentimento (TA) utilizados. Como informado anteriormente, para a realização do Grupo Focal (GF) primeiramente apresentamos verbalmente a pesquisa e em seguida os termos. Colemos no momento da aplicação de GF as assinaturas dos alunos no TA, e buscamos nas semanas seguintes o TCLE assinado por responsáveis dos jovens.

O projeto da pesquisa e sua aprovação em comitê de ética foram encaminhados a Direção Adjunta de Licenciatura Pesquisa e Extensão (DALPE) do colégio, que emitiu parecer sobre o trabalho que foi posteriormente aprovado em conselho pedagógico do CAp UFRJ.

Em relação aos aspectos éticos envolvendo o registro fotográfico, buscamos usar este recurso para registrar o cenário de pesquisa, trazendo elementos visuais para o leitor. No entanto, evitamos o uso de imagens que permitam uma fácil identificação dos sujeitos.

4. ANÁLISE DO CONSUMO ALIMENTAR DE JOVENS ESCOLARES

Neste momento nos debruçamos em uma análise dos dados coletados nas duas fases do estudo. Segundo Rocha (2000), compreender o significado do fenômeno consumo passa pelo exame profundo de sua relação com a cultura local. Desta forma, analisar o simbólico da alimentação desses jovens perpassa o reconhecimento das disposições locais. A partir da sensibilidade da pesquisadora os determinantes do campo foram selecionados em momento de observação participante. Neste momento, buscamos trazê-los de modo articulado às análises com finalidade de contextualizá-las.

Os arranjos locais como a presença de pátio escolar efervescente palco de múltiplos acontecimentos, de cartazes e muros que expõem as vozes dos alunos, de atividades educativas que envolvem o tema da alimentação com atividades curriculares, dentre outros, remontam o olhar sobre os conteúdos coletados no grupo focal. A seguir, serão exploradas as categorias: Comida de Colégio, Corpo e Saúde, e Mídia.

4.1 COMIDA DE COLÉGIO

As construções narrativas estavam povoadas de questões referentes ao consumo de lanches no espaço escolar. A partir de levantamento inicial nos deparamos com 43 menções de sentenças relacionadas à comida de colégio, a expressão não só numérica, mas também em termos de representação coletiva desse comer local torna essa categoria a mais expressiva na busca pelo entendimento dos significados do consumo alimentar por lanches desses jovens. Tal constatação reforça que a pesquisa está ancorada em sua temática principal que versa sobre a comida que é consumida dentro e fora do colégio.

Para essa categoria, foram elencados recortes de narrativas que relacionavam a experiência do comer a ambientes participativos do cenário escolar, desmembrou-se então nas temáticas: cantina pública, cantina privada e comida do entorno, compreendendo esses espaços como locais do cotidiano alimentar desses jovens e descritos a seguir.

O colégio opera como ambiente de socialização, que compartilha significados. O agir comunicativo no espaço é capaz de produzir um ‘aprendizado’ resultado de uma espécie de consenso social, de apoio a tendências de consumo coletivo. O CAp UFRJ vivencia uma

experiência particular quando contrastado a demais instituições federais de ensino da cidade: a presença de duas cantinas distintas. Cada turno letivo, manhã e tarde, possui dois intervalos. No primeiro podemos observar a convivência mútua entre os espaços, visto que a cantina pública abre somente nesse momento, enquanto que a cantina particular mantém suas atividades por todo o período de funcionamento da escola.

As cantinas possuem características físicas semelhantes, em suas fachadas há um predomínio de cores neutras como o branco e cinza. Ambas possuem único balcão de atendimento, que é fechado por janelas retrates de metais. Os locais de distribuição e venda de lanches possuem dimensões pequenas e estão ligados a uma área de preparação dos alimentos. A cantina pública conta com uma copa anexa e a particular com a presença de uma cozinha aos fundos.

Os espaços convivem em mesma área de localização, o pátio principal do colégio. O lugar possui papel central no convívio dos alunos em seus momentos de descanso entre aulas. Nele encontramos mesas coletivas que favorecem as ligações sociais e promovem aproximação e conversas entre os estudantes. As mesas no espaço social de alimentação simbolicamente informam também o quanto comer é uma atividade central à vida, não somente pelo fato de que sem ela a vida não é compatível, ou ainda por ser uma atividade humana de frequência constante e necessária, mas também porque cedo torna-se uma esfera que nos conecta, como mencionado anteriormente no referencial teórico. Esse cenário promove uma liga entre as pessoas e o mundo de coisas, um mundo de ideias.

No chão podemos identificar “amarelinhas” desenhadas, que possibilita a utilização do local nos momentos de brincadeira dos alunos mais jovens. Nas paredes que cerca há o predomínio de desenhos e frases gravadas por alunos. A significância social e características físicas, como a presença de mesas, pilastras e painéis expositores permite que o local seja amplamente utilizado na exposição de trabalhos escolares, o que foi evidenciado em nossas visitas ao campo. Além disso, a organização espacial do colégio situa o pátio em região central fazendo com que a área funcione como local de conexão entre os diversos setores da escola, onde se pôde observar grande fluxo de agentes.

Vivenciamos durante processo de observação uma experiência coletiva de comemoração, a festa Crioula, que pode demarcar esse local de destaque do espaço. Em

momento de divulgação desta festa tínhamos como estratégia o uso de banner que contava a história das atividades realizadas pelo sistema de alimentação da UFRJ em formato de rolo de filme. Devido à extensão do cartaz sugerimos sua fixação em grade lateral da quadra de esportes, local de acesso a sala do Grêmio estudantil e entrada da garagem de carros. Entretanto, fomos comunicadas por nutricionista e funcionárias da direção que embora exista proximidade do local com o pátio, a circulação de alunos na área era menor, o que poderia comprometer o impacto da exposição, que foi então realocada para região central.

É nesse local, na materialização das cantinas, que a comida estabelece o contorno das relações sociais e participa de forma íntima desse momento de interação dos alunos. Essa comida por sua vez possui características peculiares e que dialoga com o local e com as expectativas desses jovens. Lanchar no pátio significa comer em um período de tempo, aproximadamente vinte minutos, duração do intervalo, significa também comer falando e possivelmente se deslocando. O fluxo de idas e vindas é constante no ambiente, mesmo com a presença das mesas, pois alguns param pra conversar numa e logo após noutra. Não há uma permanência como em praças de alimentação de shoppings, o espaço é por si transitório, alegre e movimentado.

Nesse sentido, os lanches atendem a demanda dos alunos. Na cantina particular, salgados já assados e dispostos em vitrines, pizzas pré prontas e bebidas já envasadas são opções para o consumo. Na cantina pública, sanduíches montados ou biscoitos embalados, frutas porcionadas e sucos distribuídos em copos facilitam a dinâmica do lugar.

A descontração observada no convívio dos alunos no pátio é vivenciada também na utilização dos espaços do comer. As cantinas funcionam como opções alimentares dos jovens, que as utilizam de maneira descontraída, sem grandes tabus. Os estabelecimentos alimentares internos ao colégio não operam como concorrentes, não foi aparente uma relação de disputa entre os locais. Durante visitações foi possível observar a dinâmica na utilização dos espaços, que foi também apontada em falas durante a aplicação do GF. Em momento da roda de conversa, quando os alunos falavam sobre os lugares que lanchavam durante o período de intervalo de aulas, mencionaram que:

> "Isso depende, né. Tem dias que eu trago dinheiro, mas ai se na cantina de lá (pública) for alguma coisa que eu goste, eu pego."
> (Carlos, 12 a)

> “Na verdade é assim, eles compram aqui (particular) e depois comem lá (pública), são gulosos.”
> (Ana Clara, 12 a)

Os discursos denotam que a vivência mútua entre os espaços não se estabelece apenas por uma localização similar, há uma relação de completude entre os itens dos lanches que por sua vez conversam com os jovens e com o momento intervalo. A não depreciação ou prestígio a certo ambiente alimentar propicia essa dinâmica, tornando esses espaços representativos na comensalidade desses jovens e constituintes de um comer colegial específico. Segundo a noção de lugar e espaço trabalhada por Certeau (1998, p.202), que descreve que “o espaço é um lugar praticado”, pode-se pensar que os ambientes de comensalidade no colégio como espaços plurais de interação e de movimentos.

Seguindo o pensamento de que existe um comer local que identifica esse aluno Capiano, deparamos-nos com narrativas referentes a espaços externos, que ultrapassam as barreiras físicas do espaço, não se limitando as instalações das cantinas, pública e privada, e nem mesmo aos muros que cerca o espaço escolar. Deste modo, temos na temática “Comida do Entorno”, a expressão que esses ambientes externos exercem dentro colégio. E que pôde ser evidenciada em passagens do GF.

> “Eu até como o açaí do colégio, mas eu prefiro comprar o de lá de fora, do ponto de ônibus, é mais barato e vem mais.” (Ana Clara, 12 a)

> “Eu passo aperto quando *tô* de dieta. Eu, por exemplo, faço dieta uma vez no mês e quando esqueço o lanche não dá para comprar nada ali na cantina (particular), não tem nada que eu possa substituir, por que literalmente não tem nada saudável. Daí, eu compro algo lá fora.” (Joana, 13 a)

> “Tem aquele Subway ali também, às vezes como lá. O sanduíche é muito bom.” (Leonardo, 14 a)

A experiência do comer no referido colégio não está engessada aos seus ambientes constituintes, é permeável a experiências do entorno que convive com a rotina desse jovem. O espaço circunvizinho é favorável a essa articulação, situado em uma grande metrópole e a poucos passos de um dos mais famosos pontos turísticos da cidade do Rio de Janeiro, encontramos na redondeza ampla gama de estabelecimentos direcionados a alimentação.

Nesse momento, cabe situar que nem todos os locais participam do círculo alimentar desses jovens, os fatores são variados, como por exemplo, a pouca ou nenhuma utilização de bares devido a não correlação de insumos como bebidas alcoólicas e petiscos vendidos, e idade desses estudantes, ou ainda restaurantes típicos ou sorveterias especializadas, que muitas vezes devido ao seu valor monetário não dialogam com as expectativas de consumo dos adolescentes. Contudo, podemos observar a utilização de alguns entrepostos comerciais com certa frequência. Lojas do tipo *fastfood*, que permitem que o cliente monte seu próprio sanduíche de acordo com os ingredientes dispostos, ou casas de sucos, especializadas em sucos, sanduíches naturais, e pratos de saladas também montados por itens, ou ainda pizzarias do tipo "Americana" que servem fatias de pizzas em embalagens individuais e que ficam expostas em grandes vitrines, e por fim, "barraquinhas/carrinhos" ou "*Trailer* de lanches" que vendem balas, pipocas, sanduíches, salgados e açaí.

A utilização de estabelecimentos em detrimento de outros nos remete aos pensamentos de Rocha (2006, p.25-26), que assume que o significado que os bens fazem circular, são sociais e que no consumo nada se cria ou se frui que não tenha por substrato a significação pública. Desse modo, vemos que alguns alimentos dialogam com esse momento colégio, com essa juventude, carregam significados dentro desse ambiente e circulam no consumo alimentar dos agentes. É importante ter em mente que essa significação não é rígida, ora alguns estabelecimentos e seus alimentos circulam nesse espaço, ora outros, sustentados pela ordem cultural que o inventa, permite e sustenta.

Uma passagem que pode favorecer esta percepção que existe um comer específico do jovem no colégio e que essa prática envolve ambientes externos que funcionam como extensões do comer colegial, aparece na fala da integrante Ana Clara. A estudante cita durante o GF comprar açaí em um ponto específico na rua, em local identificado por eles como "o tio do açaí". A fala da participante mobilizou a imediata identificação espacial de outros membros do grupo, que alegaram também consumir o produto por ser "o melhor" da redondeza. A reação desigual adotada pelos alunos que compunham o GF e os mediadores na assimilação do espaço citado é capaz de nos fazer refletir sobre os agentes que compõe aquele espaço e àqueles que não compõem.

Ressaltamos, aqui, que embora esses estabelecimentos possam ser frequentados pelos jovens em outros momentos do seu dia-a-dia, a experiência no uso desses dentro do espaço escolar difere das experiências fora deste ambiente. Alguns pontos comerciais, e aqui, atenho para o fato de que nem todos os que circulam a escola captam esses alunos pelas passagens citadas acima, funcionam como anexos alimentares do colégio. Desse modo, o comer nos estabelecimentos adjacentes no período letivo, assim como o comer nas cantinas, representa um momento de estar no colégio, discrimina o período colegial (DOUGLAS; ISHERWOOD, 2013).

No ambiente percebemos que existe uma cultura alimentar, que é favorecida por questões físicas particulares do colégio, como sua localização geográfica ou a presença de duas cantinas. Contudo, o modo pelo qual os jovens operam sob essas circunstâncias, no consumo despreocupado entre as cantinas, ou na introdução de certos ambientes externos ao colégio cria uma dinâmica alimentar particular que identifica o jovem estudante do colégio CAp UFRJ.

Assim como na cultura, os signos alimentares convivem no espaço e são reforçados ou alterados a partir de esforços dos agentes locais. O ambiente influencia o modo de comer jovem, que é incorporado sem ninguém "ensinar", é apreendido na prática, no convívio entre esses alunos, no compartilhamento das representações locais. A ideia vai ao encontro aos pensamentos de Douglas e Isherwood (2013), que mencionam:

> "O conhecimento nunca é uma questão de aprendizado do indivíduo solitário sobre uma realidade exterior. Os indivíduos interagindo impõe suas construções à realidade: o mundo é socialmente construído." (DOUGLAS; ISHERWOOD, p.108)

O aluno do colégio, por sua vez, participa de uma realidade específica. A grade horária estendida favorecendo o maior trânsito dos alunos entre os turnos escolares permite que o ambiente funcione como local de grande permanência desses adolescentes. Muitos alunos passam mais tempo na escola do que em suas próprias casas, como relatado em momento de encerramento de uma das aulas de apoio, ao se despedir o estudante mencionou estar indo para sua segunda casa, já que a escola era seu primeiro lar.

Entretanto, esse período colegial não está só pautando em uma ampla permanência do jovem no ambiente, mas também em sua representatividade social. O colégio é para muitos,

depois do ciclo familiar, um local que estreita as relações de amizades, forma círculos, "turmas" que convivem dentro desse ambiente (ROCHA; PEREIRA, 2009). E no caso específico dos jovens participantes do GF, é no local que muitos experimentam o descolamento da família. Esses não são mais tão crianças para só andarem com seus responsáveis, e nem tão adultos para serem totalmente independentes. O início da juventude marca então os primeiros passos em busca da autonomia frente aos pais e responsáveis e a busca por certa relação de conformidade com outros grupos (DESJEUX, 2011).

Essa relação de dependência que o adolescente cria com sua turma é também refletida no consumo alimentar do grupo, no qual os bens de consumo, aqui a comida, funcionam como objeto de cumplicidade entre esses jovens (DOUGLAS; ISHERWOOD, 2013; DESJEUX, 2011). Algumas passagens no GF nos sensibilizaram a esses apontamentos. Foi observada certa conformidade nos discursos durante a conversa, em relação a este aspecto. Os jovens tendiam a apoiar uns aos outros em manifestações de predileção ou repúdio a certos alimentos ou estabelecimentos.

Nos trechos abaixo elencamos passagens que convergem ao ponto explorado aqui. Em momento que jovens analisavam o custo/benefício de lanchar em estabelecimentos *fastfoods* ou em *trailers* de lanches da redondeza, observamos uma similaridade de idéias e princípios que os motivam em suas escolhas alimentares.

> "Ah, hambúrguer de "podrão" é bem melhor que hambúrguer do Mc Donald´s, além de ser mais barato."
> (Leonardo, 12 a)

> "Também acho, você coloca tudo que tem direito, é a metade do preço tem mais variedade, e é muito gostoso."
> (Alexandre, 13 a)

> "É, tem isso, eles (vendedores de barraquinhas) colocam tudo que tem, tudo mesmo."
> (Antônio, 14 a)

Essa conformação de ideias também foi expressiva na definição dos espaços do comer no colégio. Os alunos consentiram característica para as cantinas, pública e privada. O espaço público é visto no grupo como local de escolha "saudável" e alguns itens alimentares do cardápio foram exemplificados para legitimar essa classificação. Enquanto que o espaço

privado foi definido como local com maior "variedade" alimentar, o imaginário de marcas foi utilizado para demarcar essa multiplicidade.

> "É que na cantina pública tem mais opções saudáveis." (Joana, 13 a)
>
> "Lá (cantina pública) tem frutas, sucos, mais saudável, não tem porcaria." (Carlos, 12 a)
>
> "É que aqui (cantina particular) tem mais variação de alimentos que lá (cantina pública)." (Leonardo, 14 a)
>
> "Aqui (cantina particular) tem Guaravita, Guaraí, Matte, Ice Tea." (Alexandre, 13 a)

Os adolescentes assumiam acordos para classificar os estabelecimentos e seu consumo alimentar, contudo esses acertos não eram rígidos, remodelavam-se a todo o momento. Essa reconfiguração de ideias pode representar a fase de transição que os alunos experimentam. Pois é neste período da juventude que as forças formativas estão começando a existir e, por isso mesmo, pode-se aproveitar mais facilmente o poder modelador de situações novas (COIMBRA, 2005).

Como especificidade marcante, temos nessa categoria a apresentação de narrativas que valorizavam e que desvalorizavam os espaços, e fluíam nos dois pólos de maneira descomplicada. Os jovens possuíam facilidade em mudar de posições e seguir o fluxo de informações lançadas dentro da roda de conversa. Essa dinâmica de opiniões ocorreu durante todo o processo de aplicação do GF, mas buscaremos nesta categoria explorar esta instabilidade do jovem.

Os significados dos bens não são fixos, remodelam-se por esforços de diversas agências socializadoras e fluem por espaços sociais, especialmente sob a ótica dos jovens, que se mobilizam por pequenos aspectos e experimentam dimensões do ser e do conviver. É neste ponto que esbarramos na reformulação permanente de discursos da presente pesquisa.

Havia grande mobilização do grupo frente a questões lançadas, em um momento, os integrantes alegavam que o suco servido pela cantina pública era "aguado", já no momento seguinte o mesmo suco era visto como uma opção "saudável" para o consumo. O suco enlatado vendido na cantina particular em um primeiro momento era visto com uma "melhor"

opção frente aos refrigerantes, no momento seguinte, considerando a fala de um colega, o mesmo já era visto como um produto inferior por ser "cheio de corantes e conservantes". As definições não eram fixas, estavam a todo o momento sendo rearranjadas coletivamente, o que pode expressar essa labilidade jovial, que se destina a uma volubilidade no consumo nesta faixa etária. Sobre o tema, Desjeux (2011), assume que:

> "Essa instabilidade, que pode ser muito forte nessas etapas do ciclo de vida, parece influenciar a variedade da escolha dos bens de consumo e, portanto, sua "volatilidade" ou sua "infidelidade". (DESJEUX, 2011 p.176).

Os múltiplos significados dos alimentos convivem no ambiente do pátio escolar e os jovens experimentam deles, isso ocorre em suas oscilações de consumo no lugar e também é expresso em suas falas que se remodelam constantemente. Esse fluxo de narrativas representaria então o ciclo de vida dos participantes, que imersos em um mundo repleto de representações são atravessados por diferentes estímulos que produzem uma variedade de "posições de sujeito" (HALL, 2006).

É notório que o ambiente escolar da pesquisa produz um tipo de comer próprio desse espaço, diferente da comida de casa, comida de restaurante e assim por diante. Este, por sua vez, não é estático, remodela-se no convívio entre os agentes e diversos ambientes do comer que integram o espaço, reconfigurando as práticas alimentares desse grupo. As políticas públicas voltadas para alimentação e nutrição que estão a cada dia tomando mais corpo no ambiente escolar, como no caso do colégio em questão atendido por Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), são então mais um local do saber alimentar, constituído também por características específicas do ambiente e rearranjado no convívio de seus agentes.

4.2 CORPO E SAÚDE

A segunda categoria expressiva na aproximação dos significados que mobilizam o consumo alimentar dos jovens foi Corpo e Saúde. A juventude é considerada por alguns autores como fase de transição entre a infância e idade adulta e traz consigo uma série de mudanças que a caracteriza. O aumento da expressão hormonal é gatilho para transformações

corpóreas do período, como crescimento de mamas, pelos e órgãos genitais. Nessa fase o jovem assume novas atitudes frente ao seu corpo, que por sua vez revela novas formas de estar no mundo. Ademais esse turbilhão hormonal, o momento demarca para muitos uma etapa de maior descolamento com núcleo familiar, é nessa fase que o jovem arrisca mais em suas relações sociais e se aproxima de certos conflitos, como, por exemplo, a escolha de sua carreira profissional e seu posicionamento sobre sexualidade (COIMBRA, 2005; MATURANA, 2010).

A socialização neste período é um fenômeno marcado por papéis novos para esses adolescentes, posições diante dos outros que são evidenciadas pelos tipos de consumo. Cada detalhe pode assumir grande importância, seja um cabelo na testa, uma calça rasgada ou um copo de açaí, todos fazem parte de uma imagem social.

Lidar com a nova imagem e com as transformações que ocorrem rápida e desordenadamente na juventude significa entender o ganho de peso e altura, a redistribuição da massa corporal, o início do funcionamento do sistema reprodutor e a alteração do sistema endócrino, entre outras mudanças físicas importantes. Nos grupos, os jovens vão se desligando de aspectos infantis, que se tornam motivo de brincadeiras, e vão assumindo suas alternativas alimentares. A conquista de certa individualidade e autonomia envolve as escolhas alimentares, a exposição de um corpo e expressão de discursos novos que marcam decisões e responsabilidades.

Os significados do novo comportamento jovial são compartilhados na escola como uma etapa para tornarem-se adultos. Decisões ainda não experimentadas são postas à prova, na prática, e moduladas com o grupo. A preocupação em controlar os significados expressos a partir do uso de roupas, acessórios, maquiagens, cortes e estilos de cabelo é despertada nesta fase da vida. Esses novos comportamentos frente à imagem corporal estão atrelados a novos rituais de consumo (DESJEUX, 2011).

A flexibilidade do colégio quanto ao uso de uniforme escolar permitiu que nos deparássemos com alternativas dessas expressões dos corpos joviais. Durante os intervalos, quando estavam mais livres para buscarem seus pares e colegas de grupo, expressavam afinidade com estilos no convívio social. O uso de cabelos tingidos com cores fortes, bonés com abas apontando para diversas direções, meias, cadarços e unhas coloridas, calças com

barras dobradas e camisas do uniforme cortadas/customizadas são exemplos das expressões desses jovens que circulavam dentro do espaço.

O corpo e tudo o que ele porta é parte da expressão e da leitura. Mais do que o bem em si o modo de usá-lo, de consumi-lo, é um modo de atribuir distinção. A indumentária dos estudantes no cenário mais do que sua representatividade básica de abrigar, vestir ou calçar participava do processo de socialização e identificação daquele aluno. Os estilos adotados por jovens realizam um sistema de classificação de diferenças e semelhanças, traduzindo a ideia de identidades e relações que se aproximam e distanciam em um sistema de consumo (ROCHA, 2006).

Um fato que ilustra essa organização dos grupos de alunos em torno de similaridades de postura e que pode ser explorado aqui foi a atitude de alunas mediante a ação de plantio de árvores frutíferas. A atividade ocorreu no período extraclasse das turmas mais avançadas e não contou com ampla divulgação. Os alunos que passavam pelo local e mostraram interesse eram convidados a participar. Um trio de meninas logo se manifestou, proativas para contribuir e participar da ação, começaram a nos ajudar carregando sacos de terra e buscando pás de jardinagem no clube de ciências. No momento do plantio retiraram seus sapatos, dobraram as barras de suas calças largas de pano e colocaram as mãos na terra, plantando cada muda encontrada ali. Com o decorrer da atividade mais dois grupos se aproximaram demonstrando curiosidade e foram logo incluídos na prática. No fim, foi servido um lanche elaborado pelas copeiras do sistema de alimentação do colégio (cantina pública CAp UFRJ): bolo de casca de banana e limonada verde com couve. A reação do trio frente ao lanche ocorreu de forma curiosa, com grande interesse nas preparações, pediram e trocaram receitas, experimentaram e alegaram consumir “sucos verdes” diariamente, reproduzindo um gosto por um tipo de comida em voga, o suco verde. Em contrapartida, os dois outros grupos revelaram resistência em experimentar o lanche, alguns alunos o recusaram silenciosamente, escolhendo não somente não participar, mas também não debater o consumo de folhas misturados no suco. Uma postura tímida e sem margem para o diálogo.

A atitude das alunas no encerramento vinha ao encontro do estilo natural assumido por essas jovens, onde o consumo do lanche as legitimava em certo grupo, que se manifestava em prol de temas como a sustentabilidade e consumo de frutas e verduras, ambos consumidos com distinção social na escola. Na adoção do estilo alimentar, no que aponta Barbosa e

Campbell (2006 p.23), as estudantes poderiam "estar tanto 'consumindo', no sentido de uma experiência, quanto 'construindo', por meio de produtos, uma determinada identidade".

Esse processo de formação de identidade no jovem é marcado por uma preocupação maior em controlar as mensagens emitidas a partir de seus corpos. É também por meio do corpo e o que ele consome que o jovem expressa a chegada neste novo ciclo de vida. Os bens de consumo, neste momento, segundo explicam Mary Douglas e Baron Isherwood (2013 p.111), são usados para marcar intervalos e a articulação em seus usos surge da necessidade de se estabelecer a diferenciação do ciclo de vida. São sutilezas identificadas no cotidiano, que nem sempre compreendemos, mas que estão presentes demarcando um período de tempo. Tomamos como exemplo a vibração de uma novidade que é disseminada usualmente com agilidade, não necessariamente por uma questão de pressa, mas como um novo estilo de comunicação que faz com que as pessoas se incluam nos grupos.

Durante a aplicação do GF foi possível notar essa preocupação dos jovens com as reformulações de sua imagem corporal. Ser gordo ou ser magro pode assumir versões diferentes, mas certamente todas tendem a se apresentar com uma intensidade juvenil, característica dessa etapa da vida.

Além da utilização de roupas e acessórios que demarcam essa nova fase, temas relacionados às novas atitudes adotadas frente ao consumo alimentar foram citados. Em uma passagem, quando os alunos abordavam questões referentes à imagem corporal, dois estudantes declararam:

> "Eu sou maluco por dieta, quero muito emagrecer. Mas tem uns alimentos que ainda não consigo largar." (Leonardo 14a)
>
> "Eu sou aquele cara do traquinas com coca-cola direto, por isso que estou gordo. Eu quero ficar magro." (Alexandre, 13a)
>
> "Temos que largar essas coisas, agora é só frango com batata doce." (Leonardo 14a)
>
> "Para fazer dieta tem que cortar tudo que faz mal, coca-cola, traquinas, só deixar aquele queijinho cottage."
> (Leonardo 14a)

A fala dos agentes explicita o desejo desses jovens em adotar novos estilos alimentares com a finalidade de alcançar uma aparência desejada. Para isso, citaram um leque de restrições e permissões que envolvem a alimentação, mesmo apontando certa dificuldade em assumir um novo hábito alimentar em busca do "corpo ideal".

Notamos que os discursos seguiam certa conformidade sobre os hábitos alimentares que deveriam ser adotados, de acordo com regras e dietas. Os jovens tendiam a estratificar os alimentos em dois grupos específicos, sendo eles, os bons para comer e os bons para o corpo. Ambos carregam consigo qualidades, os bons para comer são aqueles que geram prazer por serem saborosos, contudo não auxiliariam na obtenção do corpo magro/definido desejado. A integrante Ana Clara (12 a), em momento específico do GF, cita: "Um Ferrero Rocher, o barco de açaí. Huuum, que delícia, estou engordando só de falar." A fala revela o quão prazeroso para ela é comer chocolate e açaí, embora esteja implícito que esses alimentos possuem certa restrição, por estarem ligados a um corpo gordo, logo, segundo ela, devemos ter cautela até mesmo em mencioná-los. Já o outro grupo de alimentos, que também eram mencionados em certas passagens como alimentos "Fitness", que marcam a busca por um estilo de corpo que segue uma tendência contemporânea de se alimentar tanto pelo aspecto saudável e nutritivo, como pelo aspecto saudável e belo, e por essa razão possuíam grande liberação para o consumo.

Os jovens utilizaram dessa estratificação em dois pólos para também classificarem os espaços do comer no colégio. Na tentativa de explicar as diferenças entre as cantinas, pública e privada, o aluno Carlos (12 a) citou: "A diferença é que uma é mais "fitness" e a outra é mais gostosa." O compartilhamento dos significados dos alimentos e estabelecimentos por esses jovens os levam a separar, em um primeiro momento, o consumo alimentar em duas premissas, a primeira em consumir alimentos por prazer do sabor, e a segunda por prazer em alcançar o corpo desejado.

O termo "Fitness" também foi empregado como um adjetivo ao corpo, o que remetia a um físico atlético, forte e magro. As passagens abaixo demarcam a utilização do termo como característica de estrutura corporal.

> "Eu quero ficar "fitness"... Eu não quero ser "bombado". É diferente, eu quero ser magro." (Antônio 14a)

> “Ser fitness é ter corpo definido, tanquinho definido, poder tirar a camisa na praia sem vergonha, eu não posso, sou gordo.” (Leonardo 14a)

Nesse ponto, cabe destacar que não foi realizada avaliação antropométrica durante o estudo, considerando que não era objetivo do mesmo. Contudo, vale registrar que os jovens participantes do GF não eram obesos, todos estavam dentro de faixa de normalidade, se assim podemos chamar.

O abordar do tema corpo remeteu a diferentes atitudes durante o GF. Nos meninos, foi observada certa cumplicidade, eles buscavam nos pares a legitimação de atitudes a serem tomadas neste momento visando um corpo mais musculoso.

> “Sou doido pra fazer dieta, eu e o Alexandre pedimos uma dieta, eu quero ficar com tanquinho, ficar bolado.” (Leonardo, 14 a)

> “O Antônio também tem o projeto de ficar de dieta, a gente quer ficar “bombado”, tanquinho.” (Alexandre, 13 a)

Para eles, o consumo por alimentos ditos “Fitness” acarretava em um ganho de massa muscular e consequente afirmação de sua masculinidade, transformando o corpo em objeto de consumo para atração de olhares femininos. Quando indagados sobre os motivos pelos quais tinham interesse em obter um corpo mais atlético os jovens mencionaram:

> “A gente usa isso (corpo atlético) para conquistar garotas no futuro entendeu? Para isso que a gente usa.” (Leonardo, 14 a)

> “Algumas garotas se atraem por isso (corpo atlético).” (Carlos, 12 a)

O corpo é então diretamente associado à tendência massificada do consumo alimentar do atributo saudável. Quanto mais ancorar uma aparência atlética e de boa forma, mais alta será a distinção deste corpo, o que desperta nesses jovens a adoção de novos hábitos alimentares em prol de uma imagem desejada a fim de empoderar-se dentro de seu grupo. A adesão às dietas ou a escolha de seus lanches articulam-se aos efeitos que esse consumo alimentar pode ter no corpo.

Em contrapartida, entre as meninas, podemos observar a adoção de comportamentos diferentes. Uma integrante se manteve mais contidas durante o tratar do assunto, o que pode caracterizar um possível desconforto na abordagem do tema. A participante Ana Clara (12 a)

que se destacou durante todo o encontro como figura de liderança e no tratar do assunto nos chamou atenção. Ao abordar sua imagem, a estudante mencionou:

> "Eu não tenho problema, eu estou satisfeita com o meu corpo, mesmo tendo umas banhazinhas, uns pneuzinhos ali." (Ana Clara 12 a)

Tal discurso que, em um primeiro instante da análise poderia indicar um movimento contracorrente aos argumentos utilizados pelos meninos no culto ao corpo perfeito, quando avaliada sob o contexto da pesquisa e imersa entre outras narrativas proferidas pela participante, conduziu-nos a uma nova interpretação. O fato de a aluna ser estudante de um colégio que possui em seus muros dizeres que remetem ao movimento feminista com conteúdos sobre aceitação do corpo da mulher, pode refletir na ambiguidade encontrada em suas falas. A participante em um momento menciona: "Se eu pudesse comeria Nutella todos os dias, mas não dá né?". Nas sutilezas encontradas no trecho e no tom empregado, subentende-se que comer pasta de avelã com chocolate diariamente poderia levar a um acúmulo de gordura corporal, fato não desejado. Contudo, em um momento seguinte, a aluna diz não se incomodar com suas "banhazinhas extras", sendo prontamente elogiada por outros integrantes do grupo. Essa dualidade vai ao encontro da representatividade dessa aluna do grupo: de uma menina querida por todos e segura de si.

A posição da integrante Joana (13 a), nos leva ao outro tema que intitula esta categoria: Saúde. Ao mencionar os cuidados com o corpo, a aluna demonstrou preocupação com o consumo alimentar no que tange à promoção de saúde, classificada nesta categoria como ausência de doenças. A abordagem sob este aspecto nos revelou uma realidade particular vivenciada pela estudante, que em certo momento da vida realizou tratamento para reversão de quadro de hipercolesterolemia.

> "Teve uma época que eu tive colesterol alto, um ano que eu tive que fazer dieta. Colesterol alto por causa do sangue, porque eu não como muito chocolate e essas coisas, foi por causa do sangue. Eu tive que comer biscoito Belvita, tinha que levar frutas, e serviu para eu gostar desses alimentos agora." (Joana, 13 a)

> "Eu faço reeducação alimentar, eu preparo o meu lanche, coloco fruta, só fruta, só fruta. A minha reeducação alimentar é tipo: eu como pelo menos três frutas ao dia, no meu prato tem que ter pelo menos oito cores, minha mãe calcula, me ajuda. Vamos na nutricionista, para ele me ajudar e tal, e é isso." (Joana, 13 a)

A abordagem pontual da adolescente sob este aspecto nos faz refletir sobre o grupo analisado no presente trabalho, jovens estudantes e saudáveis. O uso da alimentação saudável em seus lanches e consumida no estilo “fitness” ocorre sem preocupações com adoecimento e saúde. A sua adoção se mostra mais influenciada por questões referentes à estruturação de um corpo ideal.

Essa menor importância ao aspecto saúde sob o viés do adoecimento é refletida na fala da integrante Júlia (12 a) que ao mencionar que era alérgica a certo tipo de biscoito do estilo “snack” salgado é prontamente interpelada pela integrante Ana Clara (12 a), que alega que ambas consomem o biscoito juntas. Como justificativa a aluna alérgica menciona: “Eu como, mas é por isso que meu braço fica cheio de bolinhas.”. Embora o salgadinho possa trazer prejuízo à saúde da aluna, o consumo não é vetado.

Contudo, ainda foi possível esbarrar em narrativas voltadas para o consumo de alimentos que, segundo (Luiz 13 a) “fazem bem para o corpo”. As falas voltadas para a atenção à escolha dos alimentos foram alocadas na temática “cuidados com a alimentação”, inserida nesta categoria. Os jovens tendiam a estabelecer regras sobre alimentos que deveriam ser ingeridos diariamente contra àqueles que deveriam ser evitados.

> “Gosto muito de carne, mas evito, é só no final de semana que eu como a carne mal passada.” (Carlos 12 a)
>
> “Eu geralmente trago fruta de lanche. Eu gosto muito de fruta. Como às vezes umas 10 frutas por dia.” (Joana, 13 a)
>
> “Eu também como todo dia, como duas bananas, várias uvas, morango, maçã.” (Júlia, 12 a)
>
> “O Del Valle, por exemplo, é menos saudável que a coca-cola. Tem bastante açúcar, mais corante.” (Antônio, 14 a)
>
> “Meu irmão fica falando para tomar aquele suco de caixa, Del Valle acho. Ele diz que é mais saudável que esses refrigerantes aí que eles colocam corantes.” (Leonardo, 14 a)

Os malefícios e benefícios em assumir tais normas não eram muito bem abordados durante a conversa. Algumas dessas regras eram proliferadas no discurso com a mesma facilidade que as encontramos dispersas em diversos meios de nossa sociedade, advindas dos

especialistas, mas também das celebridades, da publicidade, da mídia de maneira mais geral (FISCHLER, 2011).

Nesse ponto, não podemos descartar que o grupo era mediado por nutricionistas, o que pode ter mobilizado os jovens a assumirem certas posições. O ponto chegou a ser explorado no grupo, os adolescentes foram comunicados que não existia uma resposta "correta" para as indagações feitas naquele momento. Buscamos com isso diminuir a tensão dos jovens em obter de nós respostas sobre as indagações acerca dos alimentos ditos "saudáveis" e "não saudáveis". Entendemos que as respostas eram somente mais um elemento que se ressignifica, entre outros, no processo de identificação com as tendências de consumo.

A partir da análise do material, podemos observar que o consumo alimentar pautado em questões referentes ao corpo esbelto ou prazer pela comida foram mais explorados durante o GF, essa abordagem dos jovens da pesquisa vai ao encontro das reflexões dos autores Monteiro e Júnior (2007, p. 327) "o comportamento dos adolescentes é imediatista e isso faz com que a sua atitude em relação à alimentação seja satisfatória no presente, não se interessando se a qualidade dos alimentos que consomem possa vir a ser prejudicial na vida futura.".

A juventude, considerada como processo ritual de passagem da infância à idade adulta, é então marcada pela utilização de bens de consumo que funcionam como acessórios desse ritual (DOUGLAS; ISHERWOOD, 2013). Nos jovens abordados percebemos um despertar para a preocupação com o corpo, sendo este visto como uma vitrine que o identifica, normaliza, regulariza, produz, singulariza, e atravessa o outro. De maneira subjetiva, eles incorporam objetos e ideias que marcam as tendências contemporâneas para acessarem códigos que lhes confiram qualidade, valor ou estilo, a fim de pertencerem a uma comunidade e seguirem com seus corpos construídos e conectados aos paradigmas estéticos que os valoram entre seus pares.

4.3 MÍDIA

Temos a Mídia como última categoria de análise e a temática “canais e personagens” a ampara. Foram elencadas 19 narrativas investidas de conteúdos que se destinavam ao uso de mídias sociais por alunos e a atores sociais a elas relacionados. Embora menos expressiva em número de aparições quando comparada às outras, a sua presença ocorreu de modo fluido nos discursos, refletindo a naturalização na utilização de tecnologias da informação e comunicação (TICs) no grupo explorado.

As TICs são definidas como meios técnicos usados para tratar a informação e auxiliar na comunicação, e desencadearam mudanças profundas nas sociedades a partir do fim do século XX. A utilização dessas tecnologias modificou a forma como as pessoas entretêm-se, buscam informações, comunicam-se e trabalham. Essa adoção, por sua vez, pode produzir impactos socioculturais, comportamentais e estruturais significativos na sociedade, de forma geral, e na vida dos jovens, em particular (KUBOTA, 2016).

Os adolescentes abordados nesta pesquisa, nascidos a partir de 2004, fazem parte da primeira geração nascida depois do advento da *Internet*, chegam a seu período jovial imersos em uma era interativa global. Além disso, eles adotam regularmente a Internet e as mídias sociais, em função da conectividade e das facilidades para gerenciamento dos relacionamentos com amigos e conhecidos (BARCELOS, 2014).

Neste sentido, o público jovem demonstra-se como um grupo mais naturalizado com o uso dessas tecnologias. Mídias e redes sociais representam conexões da ordem cotidiana dos adolescentes abordados. Segundo Hansen et al. (2011), mídias sociais se referem a um conjunto de ferramentas online que apoiam a interação social, incluindo serviços como e-mail, blogs, microblogs, chats, sites de redes sociais, wikis, sites de compartilhamento de fotos e vídeos. Neste contexto, canais e personagens não são estranhos a eles, os jovens apropriam-se destes, desenvolvendo novas sensibilidades, que geram mudanças no convívio social.

O conceito contrasta com mídias tradicionais que fornecem conteúdo massificado e não facilitam a criação ou o compartilhamento de informação entre os usuários, como a

televisão, o rádio e o jornal, por exemplo. No entanto, essa noção de mídia, vai ao encontro das amplamente utilizadas em nosso cenário de pesquisa e também as referidas durante o GF. Dentre elas, podemos citar o uso de aplicativos de compartilhamento de imagens e vídeos – Instagram, e sites de compartilhamentos de vídeos – YouTube, em geral pelo celular.

Para além da utilização dos aparatos midiáticos, devemos destacar o papel da mídia como "educadora" não formal e a participação desta nos processos de socialização de jovens. As mídias fazem parte da cultura contemporânea, vista por Baccega (2010), como um fio forte do tecido da cultura, e nela desempenha um papel importante. É a partir dela que novos modos de perceber a realidade, de aprender, de produzir e difundir conhecimentos e informações são gerados.

> "O processo de socialização, que envolve várias agências, sobretudo a escolar e a familiar, além da religiosa, tem encontrado no aparato midiático – hoje, o fio mais forte do tecido da cultura – uma outra agência, que se sobrepõe às demais e envolve a todos: professores e alunos e pais, com grande repercussão na formação dos sujeitos sociais." (BACCEGA, 2010, p.51)

A ampla utilização de aparelhos eletrônicos pôde ser vivenciada em nossas idas ao campo. Os jovens circulavam no espaço, e atentamos aqui para os períodos de descanso como intervalos entre aulas e turnos, com seus aparelhos nos bolsos, nas mãos, ou até pendurados por fones nos ouvidos. Destacamos o uso dos *smartphones*, celulares com tecnologia avançada que inclui programas executados em um sistema operacional, equivalente aos computadores. A utilização desses aparelhos e de seus recursos, como a *internet*, era estimulada durante as aulas de apoio. Buscas na internet sobre os itens da horta e realização de fotografias para elaboração de fichários das espécies foram estratégias pedagógicas adotadas nesses encontros.

Contudo, esses aparatos não se limitam ao seu uso operacional. Os meios interativos e seus nomes transitam também nas falas desses alunos. Em momento inicial do grupo focal, por exemplo, os jovens ao interagirem sobre as fotografias de alimentos utilizadas como imagens "quebra-gelo" definiram algumas como "foto Tumblr". O termo foi bem assimilado por todos os participantes, que ainda mostraram-se unânimes com esta definição. Em busca de compartilhar conosco essa significação, os jovens explicaram que "Tumblr" é um aplicativo

de compartilhamento de conteúdos como, imagens, vídeos e textos. No entanto, as imagens ali publicadas possuem características específicas, segundo eles, elas seriam “mais legais”, “modernas”, “diferente do normal” e “que está na moda”.

Essas definições distinguiram as imagens das outras, conferindo-lhes valores. Para o grupo de alunos o que é moderno e circula nos meios de comunicação é distinto. A juventude anseia pelo novo, busca a atualização. No grupo, não saber o que é “foto Tumblr” seria um atestado de que esse jovem “está por fora” do que é atual. Segundo Rocha e Pereira (2009) não seria mera casualidade o emprego do termo “jovem” a esse grupo de sujeitos, sinônimo de novo, atual, indo ao encontro da necessidade de constante atualização.

Nesse sentido, estar atualizado sobre o termo destinado a foto era pertencer àquele núcleo jovem, não estar excluído, que segundo Douglas e Isherwood (2013, p.145-146) seria então estar atento as remodelações de seu grupo social.

> “[...] seu objetivo como consumidor racional envolve um esforço para estar próximo do centro de transmissão e um outro esforço para selar as fronteiras do sistema. Estar perto do centro requer uma estratégia de organizar a troca dos serviços de marcação de modo a não ser excluído das civilidades partilhadas.” (DOUGLAS; ISHERWOOD, 2013, p.145-146)

Ainda segundo os autores (2013, p.145), o “objetivo do consumidor, colocado em termos mais gerais, é a busca de informações sobre a cena cultural em constante mudança”. As mídias sociais e canais de veiculação de vídeos operam a favor dessa renovação constante. É notório, na atualidade, o convívio com a disseminação de significados alimentares que, por sua vez, são continuamente reconfigurados. Estar conectado a esses meios interativos é estar ligado a essas constantes modificações. A utilização das mídias como instrumento dessa atualização foi vivenciada durante observação. No evento festa “Crioula”, uma dupla de alunas se aproximou do *stand* de Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANC) e mencionou conhecer algumas espécies que estavam expostas. Alegaram seguir página no aplicativo Instagram que publica conteúdo sobre o consumo dessas plantas, informando ainda estarem cultivando algumas em canteiro domiciliar.

O uso frequente dessas mídias sociais que amparam a interação de conteúdos entre os jovens, especialmente dentro do colégio, envolvendo e disseminando informações, articula

ainda mais elementos à cultura sintonizada entre eles. Essas, por sua vez, são canais que funcionam como sala de relacionamento, que proporcionam a interação entre os próprios jovens e deles com os personagens veiculados nas páginas.

A rede social e canais em *site* de compartilhamento de vídeo citados durante o GF eram mediadas por personagens, que em sua maioria possuíam grande capilaridade no grupo, eram bem difundidos no grupo de jovens abordados. Isso pôde ser observado quando os alunos iam completando as falas uns dos outros, destinando características a eles. Esses, mais do que ídolos, eram tratados como amigos, e estão presentes no cenário colégio. Havia além de prestígio, certa intimidade na maneira de referirem-se a eles.

> "É que no meu Instagram acompanho umas meninas, dupla carioca. Elas são engraçadas, eu adoro elas." (Ana Clara, 12 a)
>
> "Eu gosto daquele maluco lá, Whindersson Nunes, ele é maneiro. Fala várias coisas da vida dele, faz imitação também." (Leonardo, 14 a)
>
> "É, ele (Whindersson Nunes) fica zoando a namorada." (Carlos, 12 a)
>
> "Tipo assim, é um canal "Boca Rosa", eu acompanho desde o início. E antes ela tinha uma condição financeira bem menor, ela morava em comunidade. Conheço desde o início, ela foi se mudando, mudou para um lugar lá, agora ela *tá* na Barra, no condomínio mais lindo do mundo." (Ana Clara, 12 a)

Os bens consumidos por esses personagens eram tidos como objeto de desejo. Contudo, a propaganda não é feita de maneira explícita, estava inscrita em usos rotineiros. O personagem, segundo Rocha (2006, p.32), "ao fazer essa reprodução do cotidiano, também define publicamente produtos e serviços como necessidades, explica-os como modos de uso, confecciona desejos como classificações sociais".

> "Elas (dupla carioca) ficam postando coisas de treino, trecos de agachamentos [...] Elas compram um saquinho de sementes e ficam comendo." (Ana Clara, 12 a)
>
> "É linhaça que elas (dupla carioca) comem." (Carlos, 12 a)
>
> "Ele é muito engraçado, o Léo Stronda. Ele xinga muito no programa dele. [...] Ele é todo sarado, grava vídeo comendo frango com batata-doce direto. [...] Ele fala o que ele come e vai pro treino. Eu quero ser que nem ele um dia, ser bombado igual a ele." (Leonardo, 14 a)

Os personagens eram articulados a modos de ser, a comportamentos, a gostos, e o aluno reconhecia esses estilos como algo distinto, valorizava-os. Estar atento a esses estímulos é então se manter atualizado, estar incluído a moda. Os estímulos, por sua vez, são coletivos, os personagens expressam o que é relevante no contexto social e cultural, eles são uma vitrine das tendências que capitalizam e estabelece o seu público em suas relações sociais.

Para Mary Douglas e Baron Isherwood (2013, p.103), as relações sociais se estabelecem e se mantém também por meio dos bens que os indivíduos consomem.

> "Em vez de supor que os bens sejam em primeiro lugar necessários à subsistência e à exibição competitiva, suponhamos que sejam necessários para dar visibilidade e estabilidade às categorias da cultura [...] Ao mesmo tempo, é evidente que os bens têm outro uso importante: também estabelecem e mantém relações sociais."

As mídias sociais e seus atores tornam-se mais do que máquinas de produção de informações, disseminam sentidos, afetos, sensibilidades, reflexões e constroem narrativas e imagens que sustentam o universo simbólico que afeta o cotidiano dos indivíduos.

Neste ponto, destacamos a aparição de narrativas relacionadas à marca de produto, Nutella, uma espécie de creme de avelã com cacau. Essa, por sua vez, estava associada a personagens amplamente conhecidos no grupo dos escolares, uma dupla de irmãos que utilizam canais de comunicação em *site* de compartilhamento de vídeo *online*, o YouTube.

> "Felipe Neto e Luccas Neto, são irmãos. Nenhum deles é 'fitness', mas eles tentam fazer dieta para ser engraçados, mas comem Nutella." (Luiz, 13 a)

> "Cara, o Luccas Neto já entrou em uma banheira de Nutella." (Antônio 14 a)

O fato do irmão Neto ter entrado em uma banheira com Nutella não era estranho ao grupo, o produto, que possui um estilo americanizado, é reconhecido como atualidade para o jovem. Os personagens, desta forma, representam arquiteturas possíveis de modos de consumir, não que o adolescente irá se banhar com o produto, mas há identificação com o personagem, e assim com a marca. Existe uma socialização do produto ao grupo específico, os personagens participam da ressignificação dos produtos, inserido novas experiências ao consumo dos alimentos, ligando-os a um estilo jovem e descontraído de consumo.

A apropriação do uso deste produto por “youtubers”, chamaremos assim devido ao canal em que esses se expressam, causou mobilização nos discursos entre os jovens, que demonstraram grande inclinação ao uso da pasta de avelã, mencionando que a mesma poderia ser comercializada na cantina particular do colégio em embalagens individuais. Neste ponto, associamos a grande popularidade do produto e sua exposição por personagens expressivos ao grupo.

A mídia, segundo Rocha (2000, p.26), seria a dimensão mais visível do imenso sistema de revestimento cultural de produtos e serviços. Ela, a partir de histórias, personalidades, nomes, cores, embalagens, públicos, rótulos, identidades, mercados, pontos de venda, distribuição ajudam a construir os significados, que humanizam, fazendo da produção algo desejável, transformando matéria inerte em cultura material. Ainda segundo o autor,

> “os meios de comunicação de massa tem como um dos seus papéis predominantes ser um grande instrumento pedagógico, explicando a produção e transformando produtos e serviços em necessidades, desejos, utilidades.” (ROCHA, 2000 p.26)

Os personagens apresentam-se de forma descontraída, esses eram caracterizados como pessoas alegres e engraçadas. Os elementos apresentados por eles, como por exemplo, figurinos descontraídos, linguagem com gírias e cabelos coloridos, são atualizados em tendências e possuem potência comunicativa com o público jovem. Ser como o “youtuber” ou como o personagem do perfil do Instagram é estar integrado a símbolos, códigos que marcam o reconhecimento e a inclusão social que os agrupam.

O que podemos perceber a partir das reflexões construídas na análise desta categoria é que os símbolos dos bens de consumo são dinâmicos, frequentemente atualizados dentro de nossa sociedade. A mídia, seus nomes e personagens participam do compartilhamento desses significados. Além disso, os meios de comunicação de massa tornam a difusão desses códigos mais vigorosa e permite que as informações penetrem de maneira fluida nos espaços da sociedade. Baccega (2010) considera que os aparatos midiáticos, no mundo contemporâneo, possuem alta capilaridade e por esse motivo atinge a todos os sujeitos, refletindo em uma grande repercussão em sua formação social.

O abordar desta categoria no estudo esta pautado em dois pontos principais: o primeiro é de que existe uma grande e facilitada utilização dos meios midiáticos, e aqui nos referimos aos aparelhos eletrônicos e seus aplicativos, por grupos jovens. O segundo é que esses meios comunicam aos jovens formas de estar no mundo, jeitos de vestir, maneiras de falar, e modos de comer, participando ativamente do processo de socialização do grupo.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente dissertação de mestrado, intitulada **Consumo alimentar de jovens estudantes: Análise dos significados de lanches na escola** constituiu-se no intuito de analisar o consumo alimentar de jovens estudantes de um colégio de aplicação, CAp UFRJ, da cidade do Rio de Janeiro. Consideramos, contudo, apoiados em referencial teórico das ciências sociais, os aspectos simbólicos que envolvem a escolha por determinado alimento.

Neste ponto, percebemos a alimentação como local privilegiado para a observação da realidade contemporânea, onde o consumo alimentar não estaria somente pautado sobre aspectos biológicos do ser, como o comer para sobreviver. Utilizamos o conceito de consumo explorado pela antropóloga Mary Douglas e o economista Baron Isherwood, que atribui dimensões simbólicas ao uso dos bens, para compreensão da relação que ocorre entre os bens de consumo, seus significados e os sujeitos de uma determinada cultura. Desta forma, temos a partir do consumo alimentar o estabelecimento de relações, participação em determinados grupos.

Consideramos uma contribuição importante ao campo da alimentação e nutrição possibilitar a aproximação entre um entendimento convencional de consumo alimentar nos termos de controle e contagem de nutrientes, com o que propusemos, de consumo alimentar como identificador e ordenador de práticas de alimentação. Não somente o consumo identifica condições das mais diversas dos jovens estudados, como também é fruto de todos elementos presentes no ambiente e na sociedade em que vivem. Neste ponto, identificamos que a complexidade do tema alimentação envolve outras abordagens na compreensão do consumo alimentar.

Características particulares do campo de pesquisa foram consideradas em nossas análises. Observamos como a relação dinâmica do consumo alimentar se estabelece em um contexto rico em suas expressões sociais. À luz dos conceitos que tomamos por referência tivemos a combinação de três categorias orientadoras deste consumo: comida de colégio, corpo e saúde, e mídia.

Em comida de colégio, identificamos um comer local identificado como comer colegial que liga esse grupo de jovens a sua experiência atual, estudante de um colégio de aplicação. Esse comer é montado e (re)montado a partir de experiências particulares, locais e

de seus agentes. O colégio marca um tipo de aprendizado como ambiente de socialização dos jovens *per se*, ou seja, estar no colégio já organiza um tipo de consumo alimentar. Entendemos que nem sempre fica clara a construção do consumo com o que está estabelecido no cenário, no entanto, notamos neste trabalho, a influência da presença de duas cantinas no mesmo espaço de socialização, o recreio.

Em corpo e saúde, observamos a expressão do corpo como modo representativo do jovem se apresentar no cenário, é também a partir dele que o estudante se identifica e estabelece relações sociais. O corpo e a questão estética foram amplamente abordados e nos remete a fase de transição que os atores vivenciam, marcada por novas referências.

Por fim, em mídia, atentamos para a atual participação de meios de comunicação interativos nas relações sociais desses jovens, que possuem personagens que comunicam modos de ser e socializam produtos, desejos, formas de estar e conviver no mundo. O cenário escolar é permeável aos conteúdos das mídias acompanhadas.

Consideramos importante pontuar que as categorias não traduzem uma "essência" da juventude. Essas, por sua vez, convergiram de análises realizadas a partir de um contexto específico que são determinadas pelo campo, seus agentes e a pesquisadora.

Buscamos refletir sobre um modo de consumo alimentar de jovens estudantes. Contudo, as relações sociais desta faixa etária envolvem outros diversos ambientes, e o termo juventude deve ser questionado em suas generalizações. Desta forma, estudos que abarquem os aspectos simbólicos do consumo alimentar em outros cenários, com outros agentes, podem contribuir para o enriquecimento de reflexões deste fenômeno nesta faixa etária.

Diante das considerações levantadas durante o processo de análise deste estudo, notamos que os discursos dos jovens convocados à pesquisa revelaram fluxos e trocas intensas em suas dinâmicas sociais e culturais compartilhadas a tendências contemporâneas urbanas.

Desta maneira, a reflexão dos conteúdos delimitados em cada uma das três categorias de análise, comida de colégio, corpo e saúde e mídia não operam apenas como rotas para materializar pensamentos e ações de um grupo de jovens do CAp UFRJ em relação aos lanches de sua escola. São contribuições relevantes para complementar os estudos que

envolvam as Ciências da Saúde e as Ciências Sociais e apontam para as direções de novos fluxos de transformações e de pesquisa, tornando-se impossível falar do consumo alimentar dos jovens atrelado a um padrão de alimentação que não considere a vivência social, cultural e midiática cotidiana. Uma rede múltipla de sentidos e significados em torno da alimentação é construída, transmitida e reinterpretada continuamente.

APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado Responsável,

O aluno está sendo convidado (a) a participar da pesquisa "CONSUMO ALIMENTAR DE JOVENS ESTUDANTES: ANÁLISE DOS SIGNIFICADOS DE LANCHES RÁPIDOS NA ESCOLA" desenvolvida por Juliana Milczanowski Fernandes, discente do Programa de Pós-Graduação em Nutrição da Universidade Federal do Rio de Janeiro, sob orientação da Prof.ª Drª Maria Cláudia Da Veiga Soares Carvalho. O objetivo deste estudo é analisar sentidos e significados, em seus aspectos simbólicos, que envolvem o consumo e escolhas alimentares de jovens no âmbito da escola de ensino fundamental e médio, em relação ao consumo de lanches rápidos.

O convite da participação se deve ao fato do aluno estudar no Colégio de Aplicação da UFRJ- CApUFRJ localizado no estado do Rio De Janeiro, campo da pesquisa em questão. A participação é voluntária, isto é, ela não é obrigatória, e o aluno tem plena autonomia para decidir se quer ou não participar, bem como retirar sua participação a qualquer momento da pesquisa. Caso não queira participar, não haverá nenhum prejuízo na sua relação com a pesquisadora, com o colégio ou com a UFRJ. Contudo, ela é muito importante para a execução da pesquisa. Serão garantidas a confidencialidade e a privacidade das informações prestadas. Qualquer dado que possa identificá-lo será omitido na divulgação dos resultados da pesquisa, a menos que seja solicitado o contrário, e o material será armazenado em local seguro. A qualquer momento, durante a pesquisa, ou posteriormente, o aluno poderá solicitar do pesquisador informações sobre sua participação e/ou sobre a pesquisa, o que poderá ser feito através dos meios de contato explicitados neste Termo.

A participação consistirá em integrar um Grupo Focal (roda de conversa), aonde questões serão lançadas acerca do tema "Consumo alimentar", os temas gerados serão debatidos livremente com a mediação do pesquisador, e a duração de aproximada será de 60 minutos. O Grupo Focal será gravado se houver sua autorização e de todos os participantes do grupo. As falas serão escutadas, transcritas e armazenadas, em arquivos digitais, mas somente terão acesso às mesmas a pesquisadora e as orientadoras. Ao final da pesquisa, todo material será mantido em arquivo, por pelo menos 5 anos, conforme Resolução 466/12 e orientações do CEP/HUCFF/FM/UFRJ.

Não haverá benefícios diretos na participação, mas esperamos que o resultado do trabalho possa contribuir para ampliar o conhecimento do campo da alimentação e nutrição. Os responsáveis e alunos receberão um relatório com os principais dados ao final da pesquisa e serão convidados (as) para uma apresentação oral dos resultados. Toda pesquisa possui riscos potenciais. Existe a possibilidade de danos à dimensão física, psíquica, moral, intelectual, social, cultural ou espiritual do ser humano. No entanto, para essa pesquisa os riscos são mínimos e estão relacionados à possibilidade de constrangimento durante o grupo

focal, que por sua vez será mediado pela pesquisadora e equipe de pesquisa através de roteiro pré-estabelecido, visando minimizar a possibilidade de danos aos participantes da pesquisa.

A pesquisadora e sua orientadora estão comprometidas com todas as providências e cautelas necessárias para promover o máximo de benefícios e o mínimo de danos aos participantes da pesquisa. Contudo, os participantes da pesquisa que vierem a sofrer qualquer tipo de dano resultante de sua participação, previsto ou não no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, além do direito à assistência integral, têm direito à indenização, conforme itens III.2.0, IV.4.c, V.3, V.5 e V.6 da Resolução CNS 466/12. A participação na pesquisa não envolverá custos, e acontecerá dentro dos limites do colégio de Aplicação da UFRJ.

Os resultados serão divulgados em palestras dirigidas ao público participante, relatórios individuais para os entrevistados, artigos científicos e na dissertação. Este termo é redigido em duas vias, sendo uma para o responsável do participante e outra para a pesquisadora. Todas as páginas deverão ser rubricadas pelo responsável e pela pesquisadora, com ambas as assinaturas apostas na última página.

Você receberá uma via deste termo onde constam telefone, email e endereço institucional da orientadora responsável pela pesquisa, e os contatos da pesquisadora principal (mestranda) e do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento. Esse termo deve ser guardado por pelo menos cinco anos.

Em caso de dúvida quanto à condução ética do estudo, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa do HUCFF/FM/UFRJ. O Comitê de Ética é a instância que tem por objetivo defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos. Dessa forma o comitê tem o papel de avaliar e monitorar o andamento do projeto de modo que a pesquisa respeite os princípios éticos de proteção aos direitos humanos, da dignidade, da autonomia, da não maleficência, da confidencialidade e da privacidade.

Endereço: CEP/HUCFF/FM/UFRJ - Rua Rodolpho Paulo Rocco, 255 - Cidade Universitária - Ilha do Fundão - Rio de Janeiro – RJ - CEP: 21941- 913 E-mail: cep@hucff.ufrj.br Tel.: 3938-2480 e FAX: 3938-2481

Orientadora da Pesquisa: Prof.ª Drª Maria Cláudia Da Veiga Soares Carvalho Telefone: (21) 39386432 Email: mariaclaudiaveigasoares@yahoo.com.br

Endereço: Av. Carlos Chagas Filho, 373 - Ed. do Centro de Ciências da Saúde, Bloco J / 2º andar - Cidade Universitária, Ilha do Fundão - Rio de Janeiro – RJ – 21941-902

Pesquisadora responsável: Juliana Milczanowski Fernandes

Email: julianamilcza@yahoo.com.br

Acredito ter sido suficientemente informado a respeito das informações sobre o estudo acima citado que li ou que foram lidas para mim.
Eu discuti com o(a) pesquisador (a) _____ , sobre a minha decisão em participar nesse estudo. Ficaram claros para mim quais são os propósitos do estudo, os procedimentos a serem realizados, seus desconfortos e riscos, as garantias de confidencialidade e de esclarecimentos permanentes. Ficou claro também que minha participação é isenta de despesas. Concordo voluntariamente em participar deste estudo e poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, sem penalidades ou prejuízos e sem a perda de atendimento nesta Instituição ou de qualquer benefício que eu possa ter adquirido. Eu receberei uma via desse Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e a outra ficará com o pesquisador responsável por essa pesquisa. Além disso, estou ciente de que eu (ou meu representante legal) e o pesquisador responsável deveremos rubricar todas as folhas desse TCLE e assinar na ultima folha.

_____

Nome do Participante da Pesquisa

_____ Data:____/____/____

Assinatura do Participante da Pesquisa

_____

Nome do representante legal

_____ Data:____/____/____

Assinatura do representante legal

_____

Nome do Pesquisador Responsável

_____ Data: ____/____/____

Assinatura do Pesquisador Responsável

APÊNDICE B - TERMO DE ASSENTIMENTO

TERMO DE ASSENTIMENTO

Prezado participante,

Você está sendo convidado (a) a participar da pesquisa "CONSUMO ALIMENTAR DE JOVENS ESTUDANTES: ANÁLISE DOS SIGNIFICADOS DE LANCHES RÁPIDOS NA ESCOLA" desenvolvida por Juliana Milczanowski Fernandes, discente do Programa de Pós-Graduação em Nutrição da Universidade Federal do Rio de Janeiro, sob orientação da Prof.ª Drª Maria Cláudia Da Veiga Soares Carvalho. O objetivo deste estudo é analisar sentidos e significados, em seus aspectos simbólicos, que envolvem o consumo e escolhas alimentares de jovens no âmbito da escola de ensino fundamental e médio, em relação ao consumo de lanches rápidos.

O convite a sua participação se deve ao fato de você estudar no Colégio de Aplicação da UFRJ- CApUFRJ localizado no estado do Rio De Janeiro, campo da pesquisa em questão e possuir idade entre 12 e 16 anos. Sua participação é voluntária, isto é, ela não é obrigatória, e você tem plena autonomia para decidir se quer ou não participar, bem como retirar sua participação a qualquer momento. Caso você não queira participar, não haverá nenhum prejuízo na sua relação com a pesquisadora, com o colégio ou com a UFRJ. Contudo, ela é muito importante para a execução da pesquisa. Serão garantidas a confidencialidade e a privacidade das informações por você prestadas. Qualquer dado que possa identificá-lo será omitido na divulgação dos resultados da pesquisa, a menos que você solicite o contrário, e o material será armazenado em local seguro. A qualquer momento, durante a pesquisa, ou posteriormente, você poderá solicitar do pesquisador informações sobre sua participação e/ou sobre a pesquisa, o que poderá ser feito através dos meios de contato explicitados neste Termo.

A sua participação consistirá em integrar um Grupo Focal (roda de conversa), aonde questões serão lançadas acerca do tema "Consumo alimentar", os temas gerados serão debatidos livremente com a mediação do pesquisador, e a duração de aproximada será de 60 minutos. O Grupo Focal será gravado se houver sua autorização e de todos os participantes do grupo. As falas serão escutadas, transcritas e armazenadas, em arquivos digitais, mas somente terão acesso às mesmas a pesquisadora e as orientadoras. Ao final da pesquisa, todo material será mantido em arquivo, por pelo menos 5 anos, conforme Resolução 466/12 e orientações do CEP/HUCFF/FM/UFRJ.

Não haverá benefícios diretos em sua participação, mas esperamos que o resultado do trabalho possa contribuir para ampliar o conhecimento do campo da alimentação e nutrição. Você receberá um relatório com os principais dados ao final da pesquisa e será convidado (a) para uma apresentação oral dos resultados. Toda pesquisa possui riscos potenciais. Existe a possibilidade de danos à dimensão física, psíquica, moral, intelectual, social, cultural ou espiritual do ser humano. No entanto, para essa pesquisa os riscos são mínimos e estão

relacionados à possibilidade de constrangimento durante o grupo focal, que por sua vez será mediado pela pesquisadora e equipe de pesquisa através de roteiro pré-estabelecido, visando minimizar a possibilidade de danos aos participantes da pesquisa.

A pesquisadora e sua orientadora estão comprometidas com todas as providências e cautelas necessárias para promover o máximo de benefícios e o mínimo de danos aos participantes da pesquisa. Contudo, os participantes da pesquisa que vierem a sofrer qualquer tipo de dano resultante de sua participação, previsto ou não no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, além do direito à assistência integral, têm direito à indenização, conforme itens III.2.0, IV.4.c, V.3, V.5 e V.6 da Resolução CNS 466/12. A participação na pesquisa não envolverá custos, e acontecerá dentro dos limites do colégio de Aplicação da UFRJ.

Os resultados serão divulgados em palestras dirigidas ao público participante, relatórios individuais para os entrevistados, artigos científicos e na dissertação. Este termo é redigido em duas vias, sendo uma para o participante e outra para a pesquisadora. Todas as páginas deverão ser rubricadas pelo participante da pesquisa e pela pesquisadora responsável, com ambas as assinaturas apostas na última página.

Você receberá uma via deste termo onde constam telefone, email e endereço institucional da orientadora responsável pela pesquisa, e os contatos da pesquisadora principal (mestranda) e do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento. Esse termo deve ser guardado por pelo menos cinco anos.

Em caso de dúvida quanto à condução ética do estudo, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa do HUCFF/FM/UFRJ. O Comitê de Ética é a instância que tem por objetivo defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos. Dessa forma o comitê tem o papel de avaliar e monitorar o andamento do projeto de modo que a pesquisa respeite os princípios éticos de proteção aos direitos humanos, da dignidade, da autonomia, da não maleficência, da confidencialidade e da privacidade.

Endereço: CEP/HUCFF/FM/UFRJ - Rua Rodolpho Paulo Rocco, 255 - Cidade Universitária - Ilha do Fundão - Rio de Janeiro – RJ - CEP: 21941- 913 E-mail: cep@hucff.ufrj.br Tel.: 3938-2480 e FAX: 3938-2481

Orientadora da Pesquisa: Prof.ª Drª Maria Cláudia Da Veiga Soares Carvalho Telefone: (21) 39386432 Email: mariaclaudiaveigasoares@yahoo.com.br

Endereço: Av. Carlos Chagas Filho, 373 - Ed. do Centro de Ciências da Saúde, Bloco J / 2º andar - Cidade Universitária, Ilha do Fundão - Rio de Janeiro – RJ – 21941-902

Pesquisadora responsável: Juliana Milczanowski Fernandes

Email: julianamilcza@yahoo.com.br

Acredito ter sido suficientemente informado a respeito das informações sobre o estudo acima citado que li ou que foram lidas para mim.
Eu discuti com o(a) pesquisador (a) _____ , sobre a minha decisão em participar nesse estudo. Ficaram claros para mim quais são os propósitos do estudo, os procedimentos a serem realizados, seus desconfortos e riscos, as garantias de confidencialidade e de esclarecimentos permanentes. Ficou claro também que minha participação é isenta de despesas. Concordo voluntariamente em participar deste estudo e poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, sem penalidades ou prejuízos e sem a perda de atendimento nesta Instituição ou de qualquer benefício que eu possa ter adquirido. Eu receberei uma via desse Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e a outra ficará com o pesquisador responsável por essa pesquisa. Além disso, estou ciente de que eu (ou meu representante legal) e o pesquisador responsável deveremos rubricar todas as folhas desse TCLE e assinar na ultima folha.

_____

Nome do Participante da Pesquisa

_____ Data:____/____/____

Assinatura do Participante da Pesquisa

_____

Nome do Pesquisador Responsável

_____ Data: ____/____/____

Assinatura do Pesquisador Responsável

APÊNDICE C – ROTEIRO SEMIESTRUTURADO GRUPO FOCAL (GF)

ROTEIRO SEMIESTRUTURADO GRUPO FOCAL (GF)

Funções:

Mediador, observador, operador de gravação, digitador

Fio norteador:

Tendências alimentares que circundam nossa sociedade.

Imagens "Quebra gelo"

Figuras de alimentos transvertidos de novos significados. (Novas cores, formatos, combinações não convencionais)

Indagações: Imagina se pudéssemos escolher estes alimentos? Teríamos mais opções, seria mais fácil escolher ou mais difícil?

Levar questões até a pergunta: E o que você escolhe/ gosta de comer?

Objetivos

1. Identificar o consumo alimentar e seus significados em jovens escolares

2. Analisar a influência das mídias no comportamento alimentar dos jovens escolares;

3. Identificar as percepções e impressões dos jovens sobre a alimentação, a imagem corpórea e estética.

Temas: Consumo alimentar, Significados da comida e Jovens escolares.

Roteiro Semiestruturado Grupo Focal (GF)
Seção 1: Identificação de participantes
Nome:
Idade:
Sexo ( )M ( )F
Qual série?
Local que mora?
Seção 2: Consumo Alimentar
Questão chave: O que você gosta de comer? Qual comida você inventaria? Palavras chave: ( ) Comida da mãe, ou familiar. (O que esta comida tem de diferente? Por que ela é

mais gostosa? O preparo é diferente?) ( ) Lanches, fast-foods... (Por que são tão atrativos? Comer rápido representa o que? Por que comer rápido é tão legal? E o que vocês acham dos lanches oferecidos na escola? Como é estudar em um colégio que possui duas cantinas? Você come nos dois espaços em seu colégio? Traz dinheiro para comprar comida? E qual a diferença entre eles? ( )Saudável X Não Saudável (O que é saudável para vocês? Onde vocês acessam essas informações sobre saudável e não saudável? Ver figuras representativas e mídias mais acessadas, registrar marcas consumidas e valores atribuídos a elas. (registrar fontes de legitimação e confiabilidade)
Seção 3: Mídia e Alimentação
Questão chave: Onde vocês acessam informações sobre alimentação? ( ) Instagram/ Facebook (Que pessoa ou página vocês seguem? Como são as imagens da comida nesse espaço? Publicações são feitas por fotos/ vídeos/ textos? Descreva o perfil do sujeito da página.) ( ) You Tube (Você é inscrito em quais páginas? Como são os vídeos dessa página/pessoa? Descreva o perfil do sujeito da página.) ( ) Nutricionista/ Profissional de saúde (Você já foi consultado? Por que? E o que te foi recomendado? Foi/é fácil seguir as recomendações? Por que?) ( ) Colégio (Existe espaço para discussão sobre alimentação na escola? Quais são as atividades que envolvem alimentação na escola? Por que é importante falar sobre alimentação na escola?)
Seção 4: Imagem e Estética
Questão chave: Como a alimentação interfere em nosso corpo? (Atrelar esta questão aos perfis de personagens acessados em mídias) ( ) Saúde (O que é ter saúde? Como é um corpo saudável? ... ( ) Estética (Como é o corpo da moda? Os personagens das mídias possuem quais características corporais? Por que é legal ser parecido com eles? Ou, por que é legal ser diferente?...

REFERÊNCIAS

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Guanabara, p. 39-68, 1991.

BACCEGA, M. A. **Comunicação/educação**: relações com o consumo. Importância para a constituição da cidadania; comunicação, mídia e consumo. São Paulo, v.7, n.19, 2010.

BARBOSA, L. CAMPBELL, C. **Cultura, consumo e identidade**. Rio de Janeiro: Editora FGV, p.7-64, 2006.

BARCELOS, R. H. Mídias sociais e adolescentes: uma análise das consequências ambivalentes e das estratégias de consumo. **Revista de Administração e Contabilidade da Unisinos**. V.11, n.2, p.93-110, 2014.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2016.

BOURDIEU, Pierre. **A juventude é apenas uma palavra**. In: Questões de sociologia. Rio de Janeiro: Marco Zero. p. 112-121, 1983.

BOURDIEU, PIERRE. **O poder simbólico**. Lisboa: Difel, 1989.

BRASIL. Ministério da Educação. Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE). **Programa Nacional de Alimentação Escolar.** Cartilha Nacional da Alimentação Escolar. 2ª edição. Brasília, 2015.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. **Marco de referência de educação alimentar e nutricional para as políticas públicas**. – Brasília, DF: MDS; Secretaria Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional. 2012.

BRILLAT-SAVARIN. **A Fisiologia do Gosto**. São Paulo: Companhia das letras, 1995.

CAMPOS, C. J. G. MÉTODO DE ANÁLISE DE CONTEÚDO: Ferramenta para a análise de dados qualitativos no campo da saúde. **Rev Bras Enferm**, Brasília (DF), v.57, n.5, 2004.

CANSESQUI, A. M.; GARCIA, R. W. D. **Antropologia e nutrição:** um diálogo possível (Coleção Antropologia e Saúde). Rio de Janeiro: Fiocruz, p.49-55, 2005.

CAP-UFRJ. **Projeto político pedagógico**. Rio de Janeiro. 2016.

CARLINI-COTRIM, B. Potencialidades da técnica qualitativa *grupo focal* em investigações sobre abuso de substâncias, **Rev. Saúde Pública**, v.30, n.3, p. 285-293, 1996.

CARVALHO, M. C. D. V. S. **Bricolagem alimentar nos estilos naturais.** Rio de Janeiro: Editora UERJ, 2013.

CARVALHO, M. C. V. S.; LUZ, M. T.; PRADO, S. D. Comer, alimentar e nutrir: categorias analíticas instrumentais no campo da pesquisa científica. **Ciências e saúde coletiva**., Rio de Janeiro, v. 16, p. 155-164, 2010.

CAVALCANTE, A. A. M. C; PRIORE, S. E; FRANCESCHINI, S. C. C. Estudos de consumo alimentar: aspectos metodológicos gerais e o seu emprego na avaliação de crianças e adolescentes. **Rev. Bras. Saúde Matern. Infant**., Recife, v.4, n.3, 2004.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do cotidiano** – artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1998.

CERTEAU, Michel. **Cultura no plural.** Campinas: Papirus, 2011.

COIMBRA, C. C.; BOCCO, F.; NASCIMENTO, M. L. Subvertendo o conceito de adolescência. **Arquivos Brasileiros de Psicologia,** v.57, n.1, p.2-11, 2005.

COULON, A. **A condição de estudante:** a entrada na vida universitária. Salvador: EDUFBA, 2008.

DESJEUX, D. **O Consumo Abordagens em Ciências Sociais**. Maceió, EDUFAL, 2011.

DOUGLAS, M; ISHERWOOD, B. **O mundo dos bens**: para uma antropologia do consumo. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2013.

FISCHLER, C. Cultura e Gastro-Anomia: Psicopatologia da alimentação cotidiana. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, n. 36, p. 235-256, 2011.

FISCHLER, C; MASSON, E. **Comer**: a alimentação de franceses, outros europeus e americanos. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2010.

FONTENELLE, I. A. Os sentidos do consumo. **Revista de Administração de Empresas ©ERA**, V. 45, Nº 2, 2004.

GEERTZ, C. A interpretação das culturas. Rio de janeiro: Editora Guanabara Koogan S.A., p.8-40, 1989.

GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar**: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais. Rio de Janeiro: Record, 2004.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro. Dp&A: 2006.

HANSEN, D. Analyzing Social Media Networks with NodeXL: Insights from a Connected World. In: BARCELOS, R. H. Mídias sociais e adolescentes: uma análise das consequências ambivalentes e das estratégias de consumo. **Revista de Administração e Contabilidade da Unisinos**. V.11, n.2, p.93-110, 2014.

KITZINGER, J. Focus groups with users and providers of health care. In Grupos focais: conceitos, procedimentos e reflexões baseadas em experiências com o uso da técnica em

pesquisas de saúde. **Physis Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v.19, n.3, p 777-796, 2009.

KUBOTA, L. C; BARBOSA, A. F; SENNE, F; HATADANI, I. M. Uso de tecnologias da informação e comunicação pelos jovens brasileiros. **Dimensões da experiência juvenil brasileira e novos desafios às políticas públicas.** Organizadoras: Enid Rocha Andrade da Silva, Rosana Ulhôa Botelho. Brasília: Ipea, p.199-219, 2016.

LENY A. B. Grupos focais: conceitos, procedimentos e reflexões baseadas em experiências com o uso da técnica em pesquisas de saúde. **Physis Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v.19, n.3, p777-796, 2009.

LUDKE, M.; ANDRÉ, M. **Pesquisa em educação:** abordagens qualitativas. São Paulo: [s.n.], 1986.

MACIEL, M. E. Cultura e alimentação ou o que têm a ver os macaquinhos de Koshima com Brillat-Savarin? **Horiz. antropol.**, Porto Alegre, v.7, 2002.

MACIEL, M. E. Uma cozinha à brasileira. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, n.33, p.25-39, 2004.

MATURANA, V. Reflexões acerca da relação entre a alimentação e o homem. **Revista IGT**, Rio de Janeiro, v.7, n.12, 2010.

MINAYO, M. C. D. S. **Pesquisa Social**. Teoria, método e criatividade. 18 ed. Petrópolis: Vozes, p. 7-31. 2001.

MINAYO, M. C. D. S.; ASSIS, S. G. D.; SOUZA, E. R. D. **Avaliação por triangulação de métodos.** Rio de Janeiro: Fiocruz, 2005.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 7. ed. São Paulo: Hucitec, 2000.

MINTZ, S. W. Comida e antropologia: uma breve revisão. **Revista Brasileira de Ciências Sociais.** v.16, n.47. p.31-41, 2001.

MONTEIRO, J. P.; JÚNIOR, J. S. C. **Caminhos da Nutrição:** da concepção à adolescência. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan. p. 326-329, 2007.

MORGAN, D. L. **Focus group as qualitative research**. London: Sage, 1997.

NETO, L. P. **Teorias da comunicação e o consumo:** algumas conjecturas teóricas e prospcções. Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação XXV Encontro Anual da Compós, Goiânia, 2016.

PRAZERES, A. G.; SILVA, E. P.; GAMA, P. J; PENA, J. N. **O colégio de aplicação UFRJ e seu entorno**: um olhar geográfico. VII Congresso Brasileiro de Geógrafos, Vitória-ES, 2014.

QUEIROZ, D. T.; VALL J.; SOUZA, A. M. A.; VIEIRA, N. F. C. Observação participante na pesquisa qualitativa: conceitos e aplicações na área da saúde, **R Enferm. UERJ**, Rio de Janeiro, v.15, n.2, 2007.

ROCHA, E. **A sociedade do sonho**. Rio de Janeiro, RJ: Mauad, 1995.

ROCHA, E. Coisas estranhas, coisas banais: notas para uma reflexão sobre o consumo. **Comunicação, Consumo e Espaço Urbano:** novas sensibilidades nas culturas jovens. Rio de Janeiro. PUC-RIO. Mauad ED 2006.

ROCHA, E. Culpa e Prazer: imagens do consumo na cultura de massa. **Comunicação, Mídia e Consumo**. v.2, n.3. p.123-138, 2005.

ROCHA, E. Prefácio. In: DOUGLAS, M.; ISHERWOOD, B. **O mundo dos bens**: para uma antropologia do consumo. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2013.

ROCHA, E. **Totem e consumo:** um estudo antropológico de anúncios publicitários. ALCEU, v.1, n.1, 2000.

ROCHA, E; PEREIRA, C. **Juventude e consumo**: um estudo sobre a comunicação na cultura contemporânea. Rio de Janeiro: Mauad, 2009.

SAHLINS, M. **Cultura e razão prática.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. 231p. 2003.